



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS- CAMETÁ
FACULDADE DE HISTORIA (FACHTO)

PAULO VICENTE MEDEIROS DE MACEDO

**CÓLERA MORBUS: UMA CIDADE SOB O MEDO, SABERES POPULARES E A
MÍTICA CAMETAENSE – 1855 A 1856.**

CAMETÁ / PARÁ
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS-CAMETÁ
FACULDADE DE HISTORIA (FACHTO)

PAULO VICENTE MEDEIROS DE MACEDO

**CÓLERA MORBUS: UMA CIDADE SOB O MEDO, SABERES POPULARES E A
MÍTICA CAMETAENSE – 1855 A 1856.**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a
Faculdade de História - FACTHO /UFPA –do Campus
Universitário do Tocantins-Cametá como um dos pré-
requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena
em História, sob a orientação da Profª. Drª. Benedita
Celeste de Moraes Pinto.**

CAMETÁ-PA
2018

PAULO VICENTE MEDEIROS DE MACEDO

**CÓLERA MORBUS: UMA CIDADE SOB O MEDO, SABERES POPULARES E A
MÍTICA CAMETAENSE – 1855 A 1856**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Benedita Celeste de Moraes Pinto
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Tereza Cristina Ribeiro
Avaliadora

Prof.^a Msc. Maria Isabel Batista Rodrigues
Avaliadora

Cametá- Pará

2018

A minha mãe, Sônia Maria Medeiros de Macedo, por me ensinar o valor da educação, da humildade e apesar de todas as dificuldades me fez acreditar nos meus sonhos e nunca desistir deles.

“A história que mais me interessa é a que procura analisar o que ocorreu em vez de simplesmente descobrir o que aconteceu.”

(Eric Hobsbawm)

AGRADECIMENTOS

Como é maravilhoso agradecer, a todos que contribuíram para a realização desse trabalho.

Agradeço primeiramente a **Deus** e a suas infinitas graças, sua proteção e por ser o meu refúgio nas horas mais difíceis. Quando o desânimo e o cansaço batia fechando os olhos e diminuindo as forças, eu clamava a Deus, e nele eu encontrava a força e a certeza para superar todas as dificuldades, pois ele estava comigo e nele eu confio.

A minha querida mãe, **Sônia Maria Medeiros de Macedo**, pela educação que recebi, por seus ensinamentos, por me mostrar que a educação é a melhor opção para quem deseja alcançar sonhos. Saiba que tudo de bom que existem em mim eu construir através dos seus exemplos.

Aos meus avós, **José Maria Braga Macedo** e **Creuza Maria Medeiros**, por dividirem momentos alegres contando suas histórias de quando eram jovens, mostrando o caminho para minha paixão por história, creio que o exercício de relembração deles tenha sido o pontapé inicial que me inspirou ser Historiador.

Aos meus tios e tias por me ajudarem no que eles poderiam para eu não desistir do curso em momentos de dificuldade. Minha gratidão a vocês **Pedro Medeiros**, **Luciane Medeiros** e **Cilene Medeiros**.

Agradeço a **todos os meus familiares** pelo carinho e dedicação, que sempre tiveram comigo, sem eles, o caminho seria mais longo e difícil.

Aos **amigos de infância**, que sem eles, nem a inscrição do ENEM teria feito, pois eles têm um peso muito grande nessa minha formação, são tantos que não dá para citar aqui, mais agradeço de coração à cada um deles.

Ao proprietário do “**Bar do Gato o senhor Flavio Gaia**”, por me apresentar os primeiros livros, que falavam da temática de estudo abordada nesse trabalho.

Ao **Eliel Pompeu** e todos os funcionários do Museu Municipal de Cametá Raimundo Penafort de Sena, meus agradecimentos pelas inúmeras ajudas prestadas durante a pesquisa que deu origem a este trabalho.

Meus agradecimentos especiais a dona **Anadia Farias Marques**, a professora **Olímpia Barreiros Serrão** e o escritor e compositor **Alberto Moia Mocbel**, pelas conversas esclarecedoras sobre a epidemia de cólera na cidade de Cametá. Sem dúvida, foi um prazer enorme poder ouvir e dialogar com estas pessoas maravilhosas que guardam consigo, parte das histórias referente ao município de Cametá.

Aos meus colegas de curso de História, turma 2014 regular-Cametá, que se transformaram em grandes amigos, com os quais eu dividi durante quatro anos uma sala de aula e muitos conhecimentos. Agradeço de forma em especial aos meus amigos, **Nattan Nahum, Paulo Girard, André Teles, Dioclésio Sanches e Rhana Beatriz**, pela amizade, por transformarem momentos estressantes em boas risadas, e compartilharem cada segundo de uma das melhores fases da minha vida.

As minhas professoras **Tereza Cristina Ribeiro** e **Aline Tavares**, agradeço pela força e incentivo me deram quando optei por este tema de pesquisa.

A minha professora e orientadora **Dr^a Benedita Celeste de Moraes Pinto**, meus agradecimentos por acreditar em mim e me orientar nos estudos e no decorrer deste trabalho de conclusão de curso. Entre tantos professores que passaram pelo curso, sempre foi a minha primeira opção, pois sua história de luta e militância me conduziu a se espelhar em você professora. Obrigada professora Celeste, pela valiosíssima contribuição na construção desse trabalho e, principalmente, por me mostrar que o conhecimento é algo que alcançamos e que nunca ninguém pode nos tirar. Que o conhecimento é o meio que temos para derrubar barreiras que muitas vezes a sociedade nos impõe.

Agradeço a todos os professores da **Faculdade de História do Tocantins** que proporcionaram grandes descobertas no meu campo de aprendizado, são eles: **Elias Diniz Sacramento, Luiz Augusto Pinheiro Leal, Carlos Leandro Esteves, Benedita Celeste de Moraes Pinto, José do Espírito Dias Júnior, Ariel Feldman, Luís Otávio Airoza, Sara Suliman, Rafael Santos, Teresa Cristina Ribeiro, Aline Tavares, Rosimeire Souza e Rafael Galvão** que contribuiu para minha formação acadêmica e me mostraram um mundo de interpretações e conhecimento, e fizeram eu me apaixonar pelo curso de História.

RESUMO

O presente estudo “*Cólera Morbus: Uma Cidade Sob o Medo, Saberes Populares e a Mítica Cametaense – 1855 A 1856*” têm como objetivo compreender como se deu os aspectos sociais do surto da Cólera em Cametá, visando investigar quais os setores que mais sofreram com mortes desse flagelo. Da mesma forma, analisar as memórias sobre o referido episódio, buscando identificar os elementos presentes no imaginário local, que trazem aspectos religiosos como a “maldição” de certos segmentos sociais, negros e pobres. A pesquisa tem como base a análise historiográfica de alguns estudos que tem como temática a epidemia de Cólera no Pará. Dentre os quais destaca-se os seguintes autores: VIANNA (1975), BELTRÃO (2004), CASTRO (1983), CHALHOUB (1996), REIS (1991), SANTOS (1994), THOMPSON (1988), LE GOFF (1996), entre outros. Assim como, se realizou a pesquisa de campo, quando se utilizou fontes orais, escritas, imagéticas e monumentos mortuários. Dados da pesquisa apontam que a epidemia de Cólera Morbus chegou até a Província do Grão-Pará em 1855, sendo que a moléstia apresentou o início do seu progresso, tanto na capital quanto no interior, como foi o caso da cidade de Cametá que sofreu muito com o flagelo. Assim com, ressalta as divergências de opiniões entre os médicos na capital Belém e o saber popular em busca da cura em tempos de Cólera. Verifica-se que na quadra epidêmica em Cametá a cor da morte era predominante negra e que na crença e no saber popular ganha vulto o mito da Jovem Julia e suas representações no imaginário do povo cametaense.

PALAVRAS-CHEVE: Cólera Morbus, Medo, Saber Popular, Cametá.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
CAPÍTULO I	
O “Cólera” no Grão-Pará.....	14
1.1. A chegada da epidemia da Cólera Morbus na Província do Grão-Pará.....	15
1.2. Cólera Morbus em Cametá.....	20
CAPÍTULO II	
Os saberes da medicina não oficial e seus desdobramentos.....	28
2.1. As divergências de opiniões sobre a Cólera.....	29
2.2. O saber popular como poder de cura.....	36
CAPÍTULO III	
Mortes e misticismo.....	48
3.1. A cor social da morte em tempos de Cólera.....	49
3.2. Memórias e o mito da “Jovem Julia” na Cametá de 1855.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA.....	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC), intitulado **“Cólera Morbus: Uma cidade sob o medo, saberes populares e a mítica cametaense 1855-1856”**, tem como objetivo compreender como se deu os aspectos sociais do surto da Cólera ¹em Cametá, visando investigar quais os setores que mais sofreram com mortes desse flagelo. Da mesma forma, analisar as memórias sobre o referido episódio, buscando identificar os elementos presentes no imaginário local, que trazem aspectos religiosos como a “maldição” de certos segmentos sociais, negros e pobres.

Minha inquietação pelo tema vem desde os primeiros anos do ensino fundamental maior na E.M.E.F. Coronel Raimundo Leão, na cidade de Cametá, quando um dos meus professores falou um pouco da história de Cametá, fazendo referências ao episódio do Cólera² Morbus ocorrido nesta localidade entre 1855 e 1856. Lembro-me, que no dia seguinte, após uma breve explicação, este professor levou todos os alunos até o antigo Museu Municipal da Cidade, para que conhecessem um pouco mais sobre a história acontecida no século XIX, e que vissem de perto o quadro do “Cólera Morbus”, pintura de Constantino Motta³, feita em 1858, que reproduz episódios da epidemia de Cólera-Morbus em Cametá (PINTO, 2002). Ao saber que aquele quadro foi encomendado dois anos após esta epidemia me deixou bastante curioso, queria entender detalhadamente como era o perfil de vida na época.

O meu interesse pelo tema de pesquisa foi despertado durante a disciplina História da Amazônia Imperial, ministrada pela Prof^a. Benedita Celeste de Moraes Pinto, foi quando tive contato com a obra “As epidemias no Pará” (1975), de Arthur Vianna, que trata a respeito da Cólera Morbus e dos impactos devastadores dessa epidemia na cidade de Cametá. A partir do estudo de textos deste livro, meu interesse foi aguçado ainda mais, pois, na minha concepção, ainda faltava algo mais a ser pesquisado a respeito do surto desta doença em Cametá. Daí surgiu a intenção de procurar mais informações a respeito do episódio do Cólera, buscar novas fontes que pudesse trazer outras respostas acerca do tema, trazendo perspectivas de nova abordagem da epidemia que assolou Cametá no século XIX.

Neste sentido, para poder ter base teórica para pesquisar o episódio da chegada do Cólera Morbus na Província do Grão-Pará, visando compreender como a cidade de Cametá se

¹ Da Cólera; usado para se referir a doença na sua forma científica.

² Do Cólera; quando se referir ao episódio ocorrido no Grão-Pará entre 1855 a 1856.

³ Constantino Pedro Chaves da Motta (1820-1889), pintor belenense que estudou 8 anos artes plásticas em Roma na Itália (casaraodememorias.blogspot.com).

tornou o alvo principal da doença, e quais os motivos que levaram esta cidade ter mais vítimas em relação outras cidades da referida província no século XIX, se buscou na historiografia estudos e informações produzidos sobre a epidemia do Cólera na Província do Grão-Pará e na cidade de Cametá.

Para tanto, metodologicamente este trabalho foi realizado em duas fases. Na primeira se fez um levantamento historiográfico acrescido da análise de estudos que tem como temática a epidemia da Cólera Morbus no Pará, dentre os quais destaca-se os seguintes autores: VIANNA (1975), BELTRÃO (2004), CHALHOUB (1996), REIS (1991), KODAMA (2004), além de outros, relacionados a memória e história oral, como: THOMPSON (1992), LE GOFF (1996). Desta forma, a pesquisa tem como base a análise historiográfica de alguns estudos que tem como temática a epidemia do Cólera no Pará. Assim como, se realizou a pesquisa de campo, quando se utilizou fontes orais, escritas, imagéticas e monumentos mortuários.

Contudo, é importante ressaltar que o presente trabalho se baseia nos estudos feitos por Jane Beltrão, “Cólera: o flagelo da Belém do Grão-Pará” (2004), onde é analisado, a partir de diversos documentos, como atas de sepultamento do Cemitério da Soledade, para identificar qual setor social mais sofreu, os efeitos desta epidemia nas gentes de cor.

Além do estudo das referências bibliográficas sobre a Cólera, a pesquisa de campo se deu através de fontes encontradas na cidade de Cametá, assim como, se procurou compreender as referências memorialísticas presente no mito da “*Jovem Julia*”⁴, e o imaginário popular referente ao episódio. A análise da tela de Constantino Motta, pintada em 1858 a óleo, intitulada, “*Cólera Morbus*”. Além de outras evidências encontradas no Museu Municipal de Cametá “Raimundo Penafort de Sena”, que guarda vários aspectos a respeito da vinda do Dr. Angelo Custodio Corrêa, presidente interino da província, que faleceu vitimado pela Cólera que contraiu em Cametá. Assim como, os monumentos mortuários presentes nesta cidade, como: o cemitério atribuído a Jovem Julia e o Mausoléu de Angelo Corrêa, ambos guardam parte da história do Cólera a ser revelados.

Nestas condições, para trabalhar com vestígios de memórias, mediante oralidade, foi importante estudar a obra “*A voz do passado*” (1992), de Paul Thompson, que esclarece as

⁴ Relato da tradição oral cametaense, cujo imaginário é atribuído a uma jovem denominada por Julia, que teria se tornado santa, após sua aclamação a Deus e dias interruptos de Jejum para que cessassem a mortandade por cólera em Cametá. A crença popular desta cidade, conforme se observou nas narrativas orais coletadas no decorrer da pesquisa, afirma que a Jovem Julia foi a “última” pessoa a falecer de Cólera Morbus em Cametá no século XIX, devido a esse fato, acrescido ao episódio de que, algum tempo depois, ao escavarem seu túmulo encontraram seu corpo intacto, exalando intenso perfume das rosas, com as quais fora enterrada, foi aclamada como “Santa” pela população local, e desta maneira a sua história se transformou em uma espécie de mito, que povoa o imaginário da cidade de Cametá

dúvidas a respeito de como trabalhar as narrativas e oralidades do passado. Busco apoio teórico-metodológico na referida obra para entender as narrativas orais, como de: dona Anadia Farias Marques e da professora Olímpia Barreiros Serrão, que trazem em seus relatos as memórias herdadas de seus avós a respeito da Cólera Morbus, cujos destaques fazem referências aos indígenas de Cametá e ao Cemitério da Lampadosa⁵.

Partindo das análises de Thompson (1992), os relatos a respeito do mito da Jovem Julia ganha forma e corpo. Se falar que na maioria das vezes as narrativas orais misturavam os eventos da Cólera do século XIX com o surto de Cólera, que ocorreu 1991 em Cametá. Portanto, as referências de Paul Thompson auxiliaram no entendimento das entrevistas orais, principalmente, a cedida pelo escritor Alberto Moia Mocbel, que revisita na sua memória lembranças dos seus antepassados sobre o episódio da *Jovem Julia* ocorrido na cidade de Cametá em tempos de Cólera.

Para a análise das fotografias e o quadro de Constantino Motta, se utiliza os estudos de Renata Maués, “*O desvelar da obra de Constantino Pedro Chaves da Motta*” (2011), a respeito de como trabalhar o uso das imagens em trabalhos acadêmicos e sua valorização como fonte artística e documental. Enquanto Jacques Le Goff, em “*História e Memória*” (2003), me auxiliou na compreensão a respeito dos monumentos mortuários e suas representações, através dos quais o historiador poder tirar suas conclusões sobre os acontecimentos e fatos históricos. No caso da pesquisa de campo serviu de subsídio para realçar o que querem dizer a respeito da cena que guardam ou representam do período do Cólera Morbus em Cametá.

Da mesma forma, outras obras também foram fundamentais para o desenvolvimento do presente trabalho, como por exemplo, o estudo de Castro (1983), que faz referências aos apontamentos e ofícios trocados entre o governo do Grão-Pará e do Rio de Janeiro, é sem dúvida uma das principais fontes para se estudar o Cólera Morbus. “*Um século de Cólera: itinerário do medo*” (1994), Luiz Antonio de Castro Santos, que traz resultados a respeito do surgimento da epidemia de Cólera no mundo. No mesmo sentido, os autores Artur Viana (1975), Castro (1983), e Jane Felipe Beltrão (2004) dão indícios de que a cidade de Cametá foi uma das principais cidades que sofreram com o surto de Cólera.

Partindo dos pressupostos, o presente trabalho, “*Cólera Morbus: uma cidade sob o medo, saberes populares e a mítica cametaense (1855-1856)*”, também visa preencher uma lacuna na historiografia paraense, quando se refere ao episódio do Cólera na cidade de Cametá,

⁵ Cemitério da Lampadosa, localizado em Cametá na avenida Inácio Moura, está desativado desde os tempos de Cólera segundo dona Anadia Marques e Olímpia Barreiros, residentes do bairro da Aldeia em Cametá.

assim como abre possibilidade para outros estudos envolvendo a temática em questão, pois, verifica-se a existência de várias fontes, entre os quais menciona-se monumentos sobre o período e a memória popular, que está recheada de referências míticas a respeito da epidemia de Cólera Morbus em Cametá. Portanto, este estudo é de fundamental importância, tanto para a historiografia paraense e Amazônica, quanto para a comunidade cametaense, que poderá ter mais conhecimento desta epidemia através deste e de outros estudos.

Este trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro, intitulado “*A chegada do Cólera no Grão-Pará*”, trata de como a epidemia de Cólera Morbus se originou pelo mundo, por quais países passou, fazendo bastante aniquilamentos de vítimas, e como o mundo se comportou com a sua chegada, quais medidas sanitárias foram formuladas para evitar o progresso do terrível flagelo. Destaca que no Brasil o portal de entrada da doença se deu pela Província do Grão-Pará, no ano de 1855, trazendo consigo uma série de indagações a respeito de sua chegada. E como ela se tornou devastadora na cidade de Cametá, cuja força de destruição foi terrível, devastando quase que toda a população da cidade, acometendo em sua fúria inclusive o presidente da província da época, o Dr. Angelo Custodio Corrêa.

O segundo capítulo, intitulado “*Os saberes da medicina não oficial e seus desdobramentos*” busca analisar qual era a característica da Cólera que assolou a Província do Grão-Pará no ano de 1855 a 1856, buscando a veracidade do diagnóstico final para poder anunciar para a população os meios de tratamentos a serem tomados o mais rápido possível. Destaca também a tensão e divergência entre os médicos alopatas e homeopatas sobre o uso da sangria geral entre pacientes coléricos e o uso do saber popular como alternativa de cura, que era acolhido com pela comunidade em geral da província, principalmente depois da descoberta do limão como remédio máximo no tratamento e prevenção da doença.

O terceiro capítulo, “*Mortes e Misticismo*”, discorre sobre a cor da morte na quadra epidêmica e como as *gentes de cor* sofreram mais que a população branca. O fator social como forma de exclusão principalmente nos socorros dos hospitais e no descanso final das vítimas, já que o valor dos sepultamentos não era para qualquer cidadão, e sim para quem detinha algum poder aquisitivo de expressão. Assim como, busca analisar a memória e o imaginário cametaense a respeito do mito da Jovem Julia, como que se deu essa narrativa, como era o perfil da cidade de Cametá, e como a igreja exercia seu poder.

CAPITULO I

O “CÓLERA” NO GRÃO-PARÁ.

1.1. A CHEGADA DA EPIDEMIA DA CÓLERA MORBUS NA PROVÍNCIA DO GRÃO PARÁ.

Antes de abordar sobre a epidemia de *Cólera Morbus*⁶ na cidade de Cametá⁷ é preciso entender um pouco sobre a sua origem. Segundo Santos (1994) o início dessa destemida doença se originou no continente asiático nos primórdios do século XII. Foi na região de Bengala e do Delta do Ganges na Índia que se notou o primeiro foco da epidemia de “cólera morbos”, conhecida cientificamente como bacilo *Vibrio cholerae* lista sua origem dos *nichos ecológicos*⁸ na Índia. Segundo Willian McNeill⁹ que defende sua argumentação da causa da Cólera como uma *ruptura epidemiológica*, que são rompimentos violentos no equilíbrio biológico entre micro-organismos ou “microparasitas” e hospedeiros humanos¹⁰. E daí em diante se espalhou para outras partes do mundo, devido ao imperialismo e a intensificação de rotas de comércio entre Ásia, Europa, África e América (SANTOS, 1994).

Para Santos (1994), o século marcado pelo mal da Cólera foi sem dúvida o século XIX, onde alcançou o nível de *pandemia*¹¹, devastando vidas em todas as partes do mundo, e nesse mesmo século todos os continentes começaram a ser assolados por esse mal que não escolhia cor, sexo e muito menos idade, sucumbia qualquer indivíduo em questão de horas. Foi a partir daí que os debates internacionais começaram a tomar forças para encontrar uma solução de diminuir a expansão do Cólera Morbus, ou evitar ao máximo sua contaminação ao redor do mundo. Os debates foram acontecendo e em seguida foi decidido que cada país construísse sua comissão de higiene pública em cada porto que tivesse uma elevada movimentação de navios, comerciantes e colonos, essas são consideradas as primeiras medidas sanitárias decididas em conjunto a todos os continentes do mundo com o intuito de que a epidemia não chegasse aos países até então imune ao terrível flagelo do mal (SANTOS, 1994).

⁶ Cólera: Doença infecciosa aguda e contagiosa, caracterizada por forte diarreia, que leva a uma depleção de fluido, cólicas e colapso. É causada pela bactéria *Vibrio cholerae*, que invade os intestinos e pode propagar-se pela água contaminada (GUIMARÃES, 2010).

⁷ Cametá é um município do estado do Pará, no Brasil. Localiza-se a uma latitude 02°12'40" sul e a uma longitude 49°29'45" oeste, estando a uma altitude de 10 metros. Sua população estimada em 2017 era de 134.100 habitantes. Possui uma área de 3.081,367 quilômetros quadrados (www.cidade-brasil.com.br).

⁸ Nicho ecológico é a parte de um habitat, com condições específicas, é o modo cada espécie, de animais e plantas vivem e sobrevivem (www.significados.com.br).

⁹ Willian Hardy McNeill (1917-2016), historiador nascido em Vancouver no Canadá (history.uchicago.edu).

¹⁰ Quando um organismo infeccioso, como o *Vibrio comma*, mata seu hospedeiro, cria de certo modo uma crise para si próprio, pois um novo hospedeiro terá de ser encontrado para que a cadeia geracional do micro-organismo prossiga. Em termos bem simples, esse desajuste é um exemplo de ruptura ecológica, que, quando atinge e elimina grande número de hospedeiros, passa a configurar uma ruptura *epidemiológica*. Este foi o fenômeno que se verificou com a cólera no século XIX (SANTOS, 1994).

¹¹ Extensão de uma epidemia a todo um continente, quicá a todo o globo terrestre (www.dicio.com.br).

O Brasil que não tinha noção do poder assombroso da “nova doença” e não tinha conhecimento de como sua população iria lidar com uma epidemia tão maligna e com um poder de mortalidade muito pior do que as outras que estavam instaladas como: o *sarampo*, *varíola* e a devastadora *febre amarela* que já assolava com voracidade uma população com poucos recursos médicos. Essa sem dúvida era a pior preocupação das autoridades internacionais na questão sanitária do século XIX (CASTRO, 1983).

Na Província do Grão-Pará, em meados do século XIX, já se sabia desse mal que assolava recentemente a Europa e a Ásia, no entanto Belém, capital da Província, era uma das capitais no Brasil que contava com uma Junta Central de Higiene Pública¹² no porto, comandada pelo Dr. Francisco da Silva Castro¹³, que por prevenção deixava qualquer embarcação vinda da Europa em quarentena para não deixar que a bactéria da cólera contaminasse a população paraense e as demais cidades do interior (CASTRO, 1983).

Porém, Castro (1983) relata que houve certa “falha” da Junta Central de Higiene Pública ao deixar atracar no porto de Belém o navio chamado *Deffensor* que estava com a carta de saúde limpa, vindo da região de Douro da cidade do Porto, que partira de Portugal no dia 15 de abril de 1855 com 322 pessoas a bordo, entre passageiros, colonos e tripulantes, sem que passasse pela quarentena nos casos de mortes confirmadas durante a viagem. Entre os trinta e seis mortos confirmados durante o trajeto até a capital, nenhum cadáver foi examinado detalhadamente para saber se havia algum tipo de moléstia responsável pelas mortes, o responsabilizado pelas mortes no navio foi o comandante da embarcação o Capitão Rafael Antonio Pereira Caldas (CASTRO, 1983).

Castro (1983) destaca que, segundo o Provedor de Saúde do Porto Dr. Camillo José do Valle Guimarães, as mortes foram geradas por fome, sede, espancamento e maus tratos do comandante. Com isso o navio que portava a carta de saúde limpa e mais os relatos do Comandante do navio sobre as mortes, junto a isso a palavra do *cirurgião abordo do navio*¹⁴ que observou os sintomas de vômitos, diarreia, olhos encovados atribuídos ao envenenamento pelos sais de cobre e seus compostos que se soltava das panelas que eram usadas no preparo da alimentação. Não restando dúvida ao Provedor de Saúde que as mortes acontecidas em viagem não se tratavam da Cólera Morbus, dando livre passagem ao navio. Devido a esses

¹² Junta Central de Higiene Pública: Criada em 1850 o órgão era responsável por averiguar e deixar isolada à quarentena qualquer embarcação proveniente da Europa ou regiões suspeitas de epidemias, principalmente da febre amarela de 1849 e a do Cólera Morbus.

¹³ Francisco da Silva Castro (1815-1899), médico paraense que atuou e acudiu o povo nas epidemias de febre amarela e Cólera Morbus em 1850 e 1855, foi presidente da Junta Central de Higiene Pública da Província do Grão-Pará em 1855.

¹⁴ Manuel Teixeira de Macedo, era o Cirurgião da galera portuguesa Defensor (CASTRO, 1983).

esclarecimentos acima é notável que não foi por sua culpa, que o navio não ficou na quarentena como manda o protocolo seguido pela Junta Central de Higiene Pública, pois nas análises da Comissão do Porto e mais a palavra do cirurgião a bordo do navio, contribuiu para o navio *Defensor* aportar e seguir adiante pela Província do Grão-Pará, resultando posteriormente em uma série de discussões a respeito da importação da moléstia na cidade de Belém do Grão-Pará. (CASTRO, 1983).

Durante o trajeto do navio *Defensor*, as mortes variaram dessa maneira até a chegada na Província do Grão-Pará em 15 de maio de 1855:

Quadro 1- Referente as 36 mortes durante a viagem de Portugal até o Brasil

Dia	Mês	Mortes
24	Abril	3
25	Abril	1
27	Abril	2
28	Abril	2
29	Abril	1
01	Maio	4
02	Maio	2
04	Maio	4
05	Maio	5
06	Maio	2
07	Maio	3
08	Maio	3
10	Maio	2
12	Maio	2
		Total: 36

Fonte: CASTRO, 1983, p. 262.

Segundo Castro, analisando a falha da Comissão do Porto de Belém, fica visível a fragilidade das autoridades responsáveis pela Junta de Higiene do Grão-Pará, pois sabiam que a região de Portugal já mostrava alguns sinais de Cólera em locais, como: Valença do Minho, Carvalhos, São João da Pesqueira. E mesmo dentro da região acima de Douro, local de partida do navio *Defensor* rumo a capital da Província do Grão-Pará. Nesses lugares já constava a presença da moléstia causadora da terrível Cólera Morbus. No mínimo isso já serviria de alerta

para as autoridades da Comissão de Higiene de Belém tomar prevenção mais enérgica com a galera do *Defensor*, deixando na quarentena a embarcação e de fazer todos os procedimentos cabíveis para descobrir o real motivo das trinta e seis mortes durante a viagem, e não ter aceitado de forma tão pacífica a justificativa das mortes dada pelo cirurgião abordo do navio que ignorava dos princípios básicos da simples cirurgia, fato esse que foi verificado posteriormente com uma investigação a respeito de sua licença de cirurgião feita em Portugal a mando da Comissão de Higiene de Belém (CASTRO, 1983).

Pois, foi percebido mais à frente que havia um colono doente com as características da moléstia, mas não foi identificado nenhum sintoma antes do ingresso no navio, o que leva a crer que o doente poderia ser o possível *foco* da doença na Província do Grão-Pará em 1855 (CASTRO, 1983).

Essa teoria de um doente em meio aos viajantes pode ser uma das maiores hipóteses da importação do mal da Cólera que se instalou na cidade de Belém, agora pode-se mencionar a falta de atenção da Junta Central de Higiene de Belém que se descuidou dessa embarcação ao deixar aportar sem ser verificada como deveria ser. O que mal se sabia, era que no dia 15 de maio de 1855, não só atracava em Belém do Grão-Pará um simples navio, mais sim uma das piores epidemias que já passou pela Província do Grão-Pará e por outras partes do Brasil.

Após a moléstia se instalar na capital da Província, os primeiros que tiveram contato com os colonos da “*Galera do Deffensor*”¹⁵ foram os soldados do 11º batalhão de caçadores. Passando alguns dias se notou que no dia 26 de maio, entre alguns soldados um mal-estar que se agravou repentinamente e veio acometer dois soldados em questão de 4 horas, após adoecerem dos seguintes sintomas: “*semblante de cadáveres, olhos encovados, cor pálida, pulso quase imperceptível, fraqueza nos membros a ponto de não conseguirem ficar de pé, os doentes questionavam-se de vômitos frequentes, diarreias abundantíssimas e grande dor de estomago*” (VIANNA, 1975, p. 114).

Vianna (1975) menciona ainda que o jovem Dr. Américo Marques Santa Rosa¹⁶ foi quem cuidou desses primeiros pacientes em uma das suas visitas que sempre fazia ao 11º batalhão, já sabendo dos rumores da Cólera mundo à fora, deu seu diagnóstico observando através das duas mortes que ocorreram no batalhão, e destacou sem dúvida nenhuma que se tratava do Cólera Morbus epidêmico¹⁷, o que gerou uma certa desconfiança de seus colegas de

¹⁵ Galera do defensor: Modo de chamar os viajantes ou tripulantes na época da epidemia de Cólera de 1855.

¹⁶ Américo Marques Santa Rosa (1833-1899), nascido em Salvador, atuou como médico em Belém na epidemia de Cólera de 1855.

¹⁷ Doença infecciosa e contagiosa que se espalha rapidamente, atacando um grande número de pessoas (www.dicio.com.br).

profissão, alegando que o jovem médico estaria com suas conclusões precipitadas demais em afirmar que se tratava de uma doença na sua forma epidêmica (VIANNA, 1975).

Segundo afirmações de Vianna (1975), o Dr. Américo Marques ao descrever a cena dos dois doentes que presenciou junto a companhia do Dr. João Florindo Ribeiro de Bulhões no Hospital Militar, já mostrava que seu diagnóstico era certo, o próprio Dr. Américo Marques ironiza sua convicção “queria eu estar errado”:

“Presenciei um quadro triste, que nunca tinha visto, e que faria arrepiar as carnes a outro que não fosse médico, porque o médico deve ter um semblante de mármore, insensível as grandes dores, para que o doente jamais possa ler o que lhe vai no fundo da alma” (VIANNA, 1975, p. 114).

Desta forma, quando a Cólera começou a se alastrar por toda Belém do Grão-Pará com seu início no bairro da Sé, acreditava-se que não passaria desse bairro suas vítimas, pois até então só atacou no progresso de sua caminhada, pessoas que se localizavam nas proximidades do Porto da capital e do Arsenal da Marinha, local em que surgiram os primeiros casos mórbidos de colonos e soldados do 11º batalhão de caçadores (CASTRO, 1983).

Mais tarde o ingresso da epidemia já era evidente entre as cidades que tinham por características os rios como entrada principal de acesso, era por onde os vapores se locomoviam e consigo induziam a doença, sem que notassem, as primeiras cidades a conhecerem o mal fora da capital foram Vigia, Soure, Salvaterra, Cachoeira, Baião, Óbidos e Cametá (CASTRO, 1983).

Na cidade de Cametá em especial por se tratar de um dos núcleos mais antigos e um dos mais populosos de Província do Grão-Pará, sua contaminação era eminente, bastava uma questão de tempo. Cametá contava com pessoas de prestígio como o Vice-Presidente da Província do Grão-Pará o Dr. Angelo Custodio Côrrea¹⁸ nascido em Cametá, foi uma das figuras importante do período auge da Cabanagem,¹⁹ momento em que Cametá foi a capital da Província por cerca de doze meses. As afinidades entre a capital e a cidade de Cametá era de um intercambio marítimo muito intenso, tanto nas relações políticas como de alimentos, pois a cidade era considerada um posto de abastecimento de mantimentos para a capital, portanto

¹⁸ Angelo Custodio Corrêa (1804 - 1855), nascera em 1804, na vila de Cametá, sendo seu pai o negociante português Francisco Custódio Corrêa, depois uma das vítimas dos cabanos. Aos dezessete anos partira para a França, onde estudou até alcançar o título de bacharel, regressando então ao Pará. Por ocasião da cabanagem prestou ele relevantes serviços à causa pública, em constante lida a favor da legalidade. Quando em 1835, a anarquia ensanguentou o Pará, o seu nome, já respeito por todos, foi sufragado nas urnas por legais e rebeldes, sendo ele eleito deputado provincial e tomando a vice-presidência da província por ter sido o mais votado, depois do restabelecimento da legalidade, governou o Pará, em 1850, 1853 e 1855, na qualidade de seu 1º vice-presidente.

¹⁹ Cabanagem, revolta de cunho popular de 1835-1840 na Província do Grão-Pará (Vianna, 1975).

acreditasse que esse poderia ser o real motivo na qual a cidade de Cametá recebeu o mal que mais tarde dizimaria parte de sua população (CASTRO, 1983; VIANNA, 1975).

1.2. CÓLERA MORBUS EM CAMETÁ.

No dia 12 de junho de 1855 a cidade de Cametá já demonstrava a enfermidade em sua pior e mais maligna forma, maior do que em qualquer outro lugar da Província. Segundo Dr. Silva Castro em seu relato, nunca uma epidemia demonstrou tanta crueldade com um povo humilde e hospitaleiro, que vinha se recuperando aos poucos da Cabanagem e do surto de febre amarela que começou em 1850. Na cidade não existia o conhecimento sobre meios terapêuticos de lidar com a “nova” doença que chegou com uma voracidade tão forte sobre aquele povo que mal sabia o mínimo de cuidados sobre a epidemia (CASTRO, 1983).

Castro (1983) menciona que na capital da província, a partir do dia 14 de junho, começava a circular o jornal *Treze de Maio* com as informações de um guia-médico em forma de boletim “**Duas palavras sobre a epidemia reinante**²⁰” feito pelo Dr. Silva Castro para serem distribuídos para os párocos²¹, professores do ensino primário, delegados ou subdelegados e as populações mais leigas executarem os primeiros socorros necessários para salvar a vida dos enfermos que ali estavam abraçados com a moléstia tenebrosa da Cólera Morbus, diferente da capital, os guia-médicos com os primeiros socorros só chegaram em solo cametaense a partir do dia 20 em diante, mais precisamente no dia 22 de junho com a vinda do Dr. José Ferreira Cantão²² e o Vice-Presidente Angelo Corrêa. Mas, quando chegaram as cópias dos guia-médicos, os extermínios causados pela epidemia eram assustadores em comparação a outros lugares de toda Província do Grão-Pará (CASTRO, 1983).

Segundo Vianna, muitos dos que souberam dos acontecimentos em Cametá acreditavam que era castigo dos espíritos mal-intencionados todo aquele terror que reinou na cidade. Segundo os autores Castro (1983) e Vianna (1975) mostram de forma não precisa os números das mortes pela epidemia de Cólera, mas, com os dados extraídos de sepultamentos do Cemitério da Soledade de Belém, vem mostrar que o mês de junho foi a época em que a Cólera mais ceifou vidas na capital. Nos interiores da província como Cametá o número de vidas perdidas pelo mal foi maior também no mês de junho, não há registros oficiais na cidade, mais

²⁰ Jornal Treze de Maio, diário da capital, n. 501 (VIANNA, 1975).

²¹ Sacerdote encarregado da direção espiritual e da administração de uma paróquia (www.dicio.com.br).

²² Dr. José Ferreira Cantão: Secretário da Comissão de Higiene Pública da Província (CASTRO, 1983).

pela observação do Dr. Ferreira Cantão na sua passagem pela cidade de Cametá, notou-se que na cidade de Cametá os números das vítimas diárias afetados pela Cólera eram maiores que na capital, com proporções diferentes em relação as suas populações (VIANNA, 1975).

Na cidade de Cametá em tempos sombrios eram diagnosticados cerca de noventa a cem pessoas por dia com a doença de Cólera Morbus e havendo entre trinta, quarenta ou até cinquenta mortes diárias, para uma população estimada entre seis e sete mil habitantes por todo seu território abrangendo vilas, distritos e ilhas (VIANNA, 1975).

Nos apontamentos do Dr. Silva Castro pode-se observar como ele descreve a situação de Cametá, dizendo o quanto era difícil de acreditar o que acontecia com aquela cidade, pois parecia uma cena de ficção científica, o flagelo assolava com voracidade toda a cidade de Cametá sem perdão nenhum, atingindo a todos que estivesse ao seu caminho, o mais sofrido é saber que ali não existia um médico ou qualquer profissional de saúde para acudir as vítimas que sucumbiam sem saber do que se tratava os ataques fulminantes causados pelo Cólera (CASTRO, 1983).

Com isso, o Governo Provincial traçou suas metas de ajudar imediatamente toda a Província do Grão-Pará com 800 exemplares de guia-médico, medicamentos básicos e alimentos para quem mais necessitava de auxílio. Quando Cametá recebeu a ajuda do governo já era um pouco tarde em relação a chegada da epidemia na cidade, só quando o Vice-Presidente Angelo Corrêa se dirigiu a sua terra natal trazendo consigo o amigo e Dr. Ferreira Cantão e com a ajuda do Tesouro Provincial para dar um ar de esperança para o povo que se encontrava sem ânimo para viver em meio a tanta amargura (CASTRO, 1983).

Castro evidencia o relato do Dr. Ferreira Cantão ao presenciar uma cena na cidade de Cametá em sua visita ao lado do Vice-Presidente, que ilustra muito o se passava em tempos de Cólera:

“E tão convencidos estavam do contagio, que as portas e janelas das casas permaneciam fechadas, as ruas quase desertas, e as poucas pessoas, que as travessavam, traziam um lenço tampando o nariz e a boca; os cadáveres, dos faleciam, eram mandados conduzir para o Cemitério pelo Subdelegado de Polícia (que de passagem seja dito, valiosos serviço prestou) o qual para isso lutava com muitas dificuldades, porque ninguém se queria prestar, ainda com grandes vantagens peculiares, pelo que viu-se obrigado a usar de violência, e assim mesmo acontecia às vezes achar-se só no meio do caminho, e sem ter quem continuasse a dirigir o carro, que continha os cadáveres, porque aqueles que ele tinha pedido agarrar deitavam a correr com medo de aproximarem-se ao cemitério. Felizmente pude convencer com o meu exemplo, não a todos, mas a muitos, e isto com grande custo, de que a ideia que formavam da moléstia, era falsa, o que reunido a minha presença, e ao verem que já havia medicamentos, os tranquilizou um pouco” (CASTRO, 1983, p. 316).

Vianna (1975) relata que o Dr. Angelo Corrêa tinha a intenção de prestar ajuda aos seus amigos e familiares entre esses sua esposa e seus filhos. No dia 22 de junho o presidente saiu da capital a bordo do navio a vapor Rio Negro, com o Dr. José Ferreira Cantão:

“A chegada do vapor foi uma áurea de ressurreição para Cametá; a atitude nobre e caritativa do presidente que visitava ricos e pobres, que levava pessoalmente os socorros aos desgraçados; a atitude enérgica do dr. Cantão, mostrando a ideia falsa em que estavam supondo o mal incurável, a sua abnegação à cabeceira dos enfermos; esses exemplos morais aliados a auxílios materiais de uma farta ambulância e de víveres, restituíram aos cametaenses a esperança perdida.

A passagem do presidente foi curta; a 25 de junho, ainda cedo, avistou-se o Rio Negro que regressava, trazendo no mastro o sinal do presidente abordo.

Quando, porém, aproximava-se o vapor de terra, viu-se com espanto que este sinal era colocado a meia verga; os que tinham ocorrido a esperar o dr. Angelo, souberam então, ao atracar da embarcação, que a primeira autoridade da província sucumbira, vítima da cólera.

O Rio Negro partira de Cametá, às 7 horas da noite de 24, atulhado de famílias que buscavam na fuga a salvação; cerca de duzentas pessoas emigravam nas mais tristes circunstâncias; famílias dizimadas, chorando a perda de entes queridos, moças isoladas pela morte de todos os seus filhos; crianças órfãs, entregues à caridade pública. Um quadro dos mais tristes e comovedoras!

Duas horas depois de haverem deixado a cidade de Cametá, o dr. Angelo sentiu os primeiros sintomas do mal, repentinamente, pois até aí nada tivera a passar incólume por toda a parte.

Imediatamente o dr. Cantão começou a empregar com toda a energia a medicação usada, desvelando-se pelo doente como médico e como seu particular amigo.

Ao fim de três horas apareceu a reação e os sintomas declinaram, a ponto de iludirem o médico que o julgou salvo. Mas, ao final de uma pausa o mal retomou a sua marcha com violência, zombando de todos os recursos da ciência.

Às 7 horas da manhã de 25, já à vista de Belém, expirou o presidente, perdendo nele o Pará um filho distinto e um servidor de alto merecimento.

O cadáver foi desembarcado logo, conduzido para o palácio do governo, e aí exposto dentro do ataúde e na capela, à vista pública, durante o resto do dia.

O enterramento verificou-se às cinco horas da tarde, comparecendo todas as autoridades civis, militares e eclesiásticas e um grande concurso do povo. Formou uma brigada composta pelo 11º batalhão de caçadores, o 3º batalhão de artilharia a pé e a guarda nacional. A artilharia salvou como de praxe.

No cemitério onde chegaram já noite fechada, falou o dr. Francisco da Silva Castro.

O cadáver foi enterrado na sepultura rasa, número 5 151 no quadro geral, como o de qualquer cidadão.

O dr. Angelo Custodio Corrêa gozava a simpatia dos paraenses e impunha-se pelo seu passado, pelos serviços à causa pública e por um alto merecimento próprio. (VIANNA, 1975, p.161-162).

O modo como o Dr. Ferreira Cantão e o Dr. Silva Castro destacam a figura do Presidente da Província Angelo Corrêa, faz perceber o quanto eles o admiravam como uma figura política e amiga, pois sua exaltação a sua figura de governo, fica evidente ao pronunciarem seu nome, o quanto muda em comparação as outras classes sociais, que não aparece nos escritos, mais que tiveram um papel fundamental no combate à epidemia, principalmente os setores mais baixos dos quais prevalecem negros, escravos, mestiços e indígenas, que só aparecem como figura secundária, e nos trabalhos mais insalubres da época como o de levar os corpos de coléricos até os cemitérios da Província. No caso dos indígenas deve-se exaltar sua contribuição no combate a Cólera, pois foram eles que tiveram os primeiros sucessos na utilização do *limão* como ferramenta eficaz no combate da moléstia, como se pode observar mais à frente no segundo capítulo. No entanto essas críticas são construtivas para que o papel dessas pessoas de *cores* seja mais evidência pela sua participação no período, e não ficar apenas como número de estatísticas das mortes do Cólera Morbus (VIANNA, 1975).

Não sabemos ao certo se a vinda do Vice-Presidente foi realmente para ajudar seus amigos e conterrâneos ou se foi com o intuito de remeter sua família que se encontrava em meio a fúria da epidemia de Cólera. São essas indagações que levam a duvidar dos escritos a respeito de sua vinda até Cametá no período auge de estragos causados pela epidemia. Naquele mesmo vapor que transportou o Dr. Angelo Corrêa para seu regresso até Belém, também migraram muitos cametaenses querendo fugir do solo da cidade, que presenciavam a agonia causada pela enfermidade, sendo que muitos desses cametaenses foram mortos pela enfermidade em poucas horas de viagem ao qual não tiveram relevância nenhuma em comparação a morte Vice-Presidente Angelo Custodio Corrêa que foi acometido pela Cólera durante a viagem de regresso de Cametá para Belém. Sendo que os médicos sempre ressaltam a ênfase de acudir qualquer pessoa que fosse filho desta Província. Mas nos textos não observamos essas expressões de condolências as vidas perdidas durante a viagem. Estas são inquietações como que ficarão para futuras pesquisas mais detalhadas acerca do ataque maligno da Cólera Morbus na cidade de Cametá.

Castro destaca que após o falecimento do Dr. Angelo Corrêa, foi designado para a cidade de Cametá com urgência no mesmo navio que trouxe o corpo do Vice-Presidente da Província, o Dr. Antônio José Pinheiro Tupinambá²³, com a missão de acudir o povo cametaense aflito por não entender o porquê de tanto mal que ali reinava. O trabalho prestado pelo Dr. Tupinambá

²³ Antonio José Pinheiro Tupinambá, nascido em Salvador era cirurgião e 2º tenente.

foi de extrema bravura para todos enfermos que foram salvos graças as suas ações médicas. Sendo que na cidade de Cametá não contava com nenhum clínico se quer antes de sua chegada (CASTRO, 1983).

Depois que os auxílios e medicamentos do Governo Provincial chegaram até a cidade de Cametá, diga-se de passagem, com grande ajuda do Dr. Ferreira Cantão que esteve na cidade de Cametá e presenciou a falta de recurso que a cidade cametaense enfrentava durante a quadra epidêmica, pondo em prática um dos últimos pedidos do amigo Angelo Corrêa, solicitando ajuda ao 4º Vice-Presidente João Maria de Moraes, que assumiu o cargo depois da morte de Angelo Corrêa, que antes de morrer citou o que presenciou do pouco tempo em que esteve em Cametá, que ali era uma coisa anormal o que estava acontecendo com o povo, com mortes e novos casos de doentes à toda hora do dia e dá noite. Para o Dr. Ferreira Cantão que o acompanhou até suas últimas horas de vida, disse que foi uma das piores cenas que ele presenciou em sua vida (VIANNA, 1975).

Castro registra que após a chegada e a circulação dos jornais exemplares vindos da capital para a cidade de Cametá, os meios de tratamento para cessar o alastramento da epidemia ficaram mais acessíveis para quem não tinha o conhecimento de como lidar com um ataque de Cólera. Vale ressaltar dos esforços dos donos de “boticas”²⁴ da cidade que não mediram empenhos em ajudar a população, abrindo suas boticas cerca de dois meses por 24 horas por dia para atender as demandas de medicamentos naturais para a cidade, vilas e localidades ribeirinhas (CASTRO, 1983).

O quadro em que a cidade de Cametá se mostrava era de um lugar inabitável, quase que deserto, não existe registro ao certo de quantos vítimas vieram a falecer no período da epidemia, mais podemos destacar levantamentos publicado pelo Dr. Silva Castro em seus manuscritos do período de junho a outubro de 1855, dos 5.682 atacados pela Cólera, 1.336 haviam falecidos, segundo documentos oficiais que haviam sido enviados para a capital sobre os números reais de Cametá (CASTRO, 1983).

O que sabemos a respeito do número de vítimas em Cametá nunca será revelado ao certo, pois não havia na cidade algum órgão capaz de numerar as vítimas acometidas em tempos de Cólera, e no período atual as dificuldades em conseguir fontes documentais é a mesma do período de Cólera de 1855. A partir da pesquisa de campo feita no Museu Municipal, Câmara Municipal, Diocese pouco material foi encontrado. Aliás, na paróquia de São João Batista em Cametá, não foi possível acessar nenhuma documentação. Portanto, as fontes encontradas

²⁴ Farmácia ou loja em que se comerciavam gêneros mercantis diversos (www.dicio.com.br).

nesses órgãos foram abaixo do esperado, o que torna bastante difícil, “quase” que impossível, calcular ao certo o número populacional e as vítimas de Cólera da época.

Observa-se que poucas vítimas foram catalogadas no Cemitério da Soledade de Cametá, os números especulados giram em torno de mais de 2.000 almas, vidas. Isso devido algumas famílias não terem um poder aquisitivo para darem um funeral “digno” ao seu ente querido, enterravam seus familiares ao redor de suas casas, roças, terrenos vazios ou deixavam à mercê seus corpos com o medo do contágio da época. Da mesma forma, os números ficam ainda mais difíceis de serem calculados devido ao tamanho da cidade que vinculava habitantes, tanto na zona urbana, quanto das zonas rurais e ribeirinhas. Segundo Castro (1983), no período Cametá tinha uma população de mais de sete mil habitantes espalhados entre cidade, vilas e ilhas, e que a quantidade deveria ser muito maior do que as 1.336 calculadas pelas autoridades, que fizeram um esforço em meio a tanta turbulência, de ainda ter fôlego de registrar esses números estimados para serem enviados para as estatísticas da Província do Grão-Pará.

Existe atualmente no Museu Histórico Raimundo Penafort de Sena, na cidade de Cametá, um quadro chamado “Cólera Morbus”, de Constantino Pedro Chaves da Motta que representa com máxima proximidade a realidade do que foi o período colérico em Cametá, uma pintura que expressa uma homenagem ao falecido Dr. Angelo Corrêa, vítima da Cólera.

Imagem 1 – Quadro do “Cólera Morbus” de Constantino Motta



Foto: arquivo pessoal de pesquisa Vicente Medeiros - 2017.

Observando detalhadamente este quadro, podemos fazer inúmeras análises, sem mencionar que é uma das obras, documento, mais importantes do Pará na atualidade a respeito da Cólera Morbus, é feita com todas as perspectivas geométricas, ângulos e linhas calculadas com a figura de Ângelo Corrêa ao centro.

Retrata, portanto, a figura do Vice-Presidente Provincial, como um “salvador” em meio a uma população totalmente agonizada e aclamando por ajuda e salvação. É perceptivo as diferentes classes sociais explícitas no quadro, como: pessoas comuns, escravos, negros livres, mestiços, crianças e doentes, aparentemente representando as pessoas de cor, ou seja, a classe mais baixa em Cametá. Enquanto alguns membros da alta sociedade cametaense aparecem com uma vestimenta mais sofisticada, parecida com a vestimenta do Dr. Angelo Corrêa. Esses contrastes sociais mostram a aflição do povo cametaense, pois a Cólera não escolhia status sociais para atacar suas vítimas, acometia qualquer ser humano, independentemente de cor, sexo ou religião. Desta forma, observa-se detalhadamente no quadro a agonia de cametaenses nas embarcações, querendo fugir do terrível flagelo.

Segundo Maués, Constantino Motta produziu esta obra por encomenda do 4º Vice-Presidente Provincial, João Maria de Moraes, entre 1856 a 1858, para retratar a realidade do tenebroso episódio da Cólera em Cametá. Para tal fim, Constantino Motta esteve presente na cidade cametaense para analisar a paisagem e aperfeiçoar o máximo de clareza o que foi o terrível período em Cametá (MAUÉS, 2011).

Contudo, existem várias críticas em relação a conservação desta obra, dentre as quais se destaca a falta de conservação do referido quadro e descaso das autoridades competentes, como apontou Augusto Meira Filho²⁵, ressaltando que apesar de não ter provas: “[...] *um pedaço do quadro, antes, destruído pelo descaso, teria sido retirado, na lateral esquerda da tela, reduzindo-a em cerca de sessenta centímetros de alto a baixo e eliminando parte interessante do trabalho*” (MEIRA FILHO, 1975, p. 25).

No mesmo sentido, Renata Maués afirma que após cuidadosos exames, foi constatado que a tela sofreu uma grande intervenção, possivelmente alterando seu tamanho original:

Ela realmente foi cortada, pois era visível não na lateral esquerda, como informou Meira filho, pois nesse lado podem-se observar os limites finais da obra, mas sim, na lateral direita, onde se observa cortes retos provavelmente feitos por uma tesoura ou estilete. Acredita-se que os cortes são resultantes de antigas “restaurações”, somente para remover as áreas das extremidades, comprometidas pelo contato do prego utilizado para fixa-la em seu chassi. (MAUÉS, Renata. 2011, pg. 8).

²⁵ Augusto Meira Filho (1915-1980), escritor, jornalista e historiador (fonte: escolaamfilho.blogspot.com).

A partir da pesquisa de campo no Museu Municipal de Cametá Raimundo Penafort de Sena e a observação do quadro “Cólera Morbus”, verificou-se que o corte em questão foi identificado após a última restauração que o referido quadro foi submetido, em novembro de 2009, quando foi comprovado por especialistas vários danos irreparáveis feitos nesta obra. Essas avarias aconteceram devido o descaso dos antigos governos municipais de Cametá na conservação da obra. Uma vez que, há especulações e narrativas a respeito de que a tela foi cortada para poder se adaptar em algum dos espaços públicos em que a obra já foi destinada no decorrer de seus mais de 160 anos de existência. Passados tanto tempo, observa-se que atualmente esta obra continua à mercê de novos danos, pois sua área de condicionamento não é a ideal, e já se nota avarias na leitura da imagem devido a ação das traças²⁶ que estão toda parte da obra. Assim como, o seu fundo está se deteriorando, além de já apresentar uma declinação acima do normal, ou seja, daqui há pouco tempo, estará com danos irreparáveis, impossibilitando as novas gerações de ver pessoalmente esta obra centenária.

Da mesma forma, a situação atual do Museu municipal de Cametá não é das melhores, embora das lutas encampadas de algumas pessoas ao longo dos anos, para conservar o acervo do referido, apesar de péssimas administrações políticas do passado. Atualmente, embora os esforços dos atuais funcionários deste museu pela sua conservação sejam incansáveis, é visível compreender o quanto a falta de recursos financeiros para melhorar as condições das peças que se encontram no seu acervo, como por exemplo, o quadro do “Cólera Morbus”, que por se tratar de uma peça incalculável financeiramente e de um valor histórico muito grande, deveria receber mais atenção do governo municipal. Pois, caso seja destruída, perderemos uma parte da história do Cólera no Pará, que apesar de parecer uma representação positivista do Dr. Angelo Corrêa, guarda traços do que aconteceu na cidade de Cametá durante a epidemia da Cólera, portanto é uma fonte de pesquisa que revela detalhes minuciosos deste momento.

²⁶ Espécie de inseto cujas larvas provocam grandes desgastes nas peles, lãs, tapetes e etc. (www.dicio.com.br).

CAPITULO II

OS SABERES DA MEDICINA NÃO OFICIAL E SEUS DESDOBRAMENTOS.

2.1. AS DIVERGÊNCIAS DE OPINIÕES SOBRE A CÓLERA.

Segundo as afirmações de Castro (19983), após as razões das mortes no mês de junho serem identificadas como a epidemia de Cólera Morbus, era importante saber qual o tipo da Cólera que acometeu os enfermos na Província do Grão-Pará, para poder informar e diagnosticar com clareza toda a população sobre os cuidados a serem tomados. Para este fim foi promovida uma conferência no dia 27 de maio de 1855, às dez horas da manhã pelo tenente-coronel José Antonio da Fonseca Galvão no Hospital Militar com a presença de autoridades médicas para debater suas opiniões a respeito da característica da epidemia reinante na capital. A maioria dos médicos da conferência opinaram em dizer que se tratava da **colerina morbus esporádico**²⁷ **um pouco grave**, entre eles estavam os doutores João Manuel de Oliveira, Francisco da Silva Castro, Joaquim Frutuoso Pereira Guimarães, João Florindo Ribeiro Bulhões e José da Gama Malcher. Quem optou em dizer que o mal se tratava da **cólera morbus epidêmico** foram os doutores Américo Marques Santa Rosa, Antonio José Pinheiro Tupinambá e José Ferreira Cantão convencidos de suas observações (CASTRO, 1983).

A maioria dos doutores que sustentavam sua opinião na cólera esporádico acreditavam que essa epidemia reinou das condições climáticas daquele período da passagem da estação chuvosa para a estação seca e pela desatenção dos cuidados de higiene. Porém, em seus argumentos, existem relatos mencionando que essa colerina já esteve presente em épocas passadas na capital e no interior, conforme descreve segundo Castro (1983):

“O padre Antonio Vieira, em uma das suas cartas dirigidas ao governo português, pedindo médicos para esta Província, fala de vômitos e diarreias com dores agudíssimas, atacando grande número de pessoas. O distinto médico, hoje falecido, dr. Antonio Corrêa de Lacerda, em **1827**, teve ocasião de observar muitos casos dela não só no Hospital Militar, então entregue aos seus cuidados, como na sua clínica particular, e foi a sua apreensão na presença de semelhança ocorrência que não trepidou em comunica-la a câmara municipal, para que tomasse as precisas providências; no ano de **1833** tornou a aparecer e foi ainda observada pelo mesmo distinto médico que continuou a denomina-la cholera-morbus; no ano de **1847** manifestou-se de novo e então com maior intensidade; na entrada do inverno de **1849** reapareceu; em **1853** esteve presente novamente e dezembro de **1854** apareceu na cidade de Igarapé-Miri acometendo escravos” (CASTRO, 1983, p. 306-307).

Vianna (1975) descreve que para o grupo de doutores que tinham convicção da epidemia acontecia de forma esporádica, acrescentavam que era normal os aparecimentos de casos da

²⁷ Casual, que se desenvolve de maneira irregular; que acontece poucas vezes, que se realiza somente em alguns casos (www.dicio.com.br).

enfermidade na forma benigna²⁸ como um ciclo natural na mudança das estações. Como causa do aparecimento da Cólera está a falta de chuvas cotidianas, o excessivo calor proveniente do verão amazônico, a falta repentina de carne verde e por isso o uso excessivo de carne salgada, do bacalhau, do pirarucu em péssimo estado, e mais o terreno na condição de pântano em volta a capital, contribuíram para a origem da doença que se mostrou mais agressivo que em outras aparições. Estas foram as bases dos que se bateram pela capitulação da cólera esporádica para epidemia reinante; elas justificam plenamente o sucesso do diagnóstico durante os primeiros passos do mal (VIANNA, 1975).

Dentre os que sustentava a hipótese da epidemia reinante, diferente da esporádica e epidêmica, estava o prático doutor da Marinha Saulmier com a hipótese de que a moléstia que reinava na capital era a cólera catástico:

“O cólera catástico é aquele que nasce de uma constituição denominada de atmosfera, da exageração da estação, seja pelo frio, pelo calor ou pelas chuvas; ou ainda da falta de alimentos de boa qualidade ou pelo incremento da população e, portanto, da aglomeração de muitos indivíduos, ou pela mudança das águas potáveis, devido às chuvas excessivas ou a secas não acostumadas. E, para comprovar a sua opinião, ele desce a análise dos sintomas, interpreta essa linguagem muda da natureza, que só o médico sabe compreender, procura a influência do clima, e das diversas circunstâncias meteorológicas e geológicas; e acha em tudo isso junto a causa da epidemia” (VIANA, Arthur. 1975, p. 121-122).

Neste sentido, houveram divergências para saber qual a natureza da Cólera Morbus que apareceu entre a Província, levando doutores a defenderem teorias duvidosas, visto que até meados do século XIX, todas as epidemias eram segundo a ciência oriundas de miasmas,²⁹ causadores do foco de cada doença. Mas, isso tudo passou a entrar em questionamento com a era bacteriana, pós meados do século XIX (SANTOS, 1994).

Contudo, a questão pendente entre os médicos na Província era quanto a origem do flagelo, se foi importada de outro lugar ou se nasceu da natureza amazônica. Dr. Saulmier quando foi questionado sobre se a cólera catástica era oriundo de miasma? Ele então o responde que; “o Cólera morbus não é produto de miasma, e sim o produto do estado especial do sistema nervoso, principalmente quando há mudanças no clima” (VIANNA, 1975, p. 122). Outros médicos acreditam ser atribuídos aos miasmas a natureza da doença, principalmente quem defendeu com fervor a opinião de esporádico, como os doutores Camilo Guimarães e Gama

²⁸ Doença que não é grave (www.dicio.com.br).

²⁹ Emissão proveniente de detritos orgânicos em decomposição, considerada outrora (antes dos avanços da microbiologia) como causadora de doenças e epidemias (www.dicio.com.br).

Malcher, que devido a comparação do clima amazônico com o asiático, as probabilidades de eles estarem certos era quase que unânime como eles acreditam: “ *aí está o Amazonas, com seu fluxo e refluxo muito semelhante ao Ganges³⁰, como este também é sujeito a transbordações, que acarretam substâncias vegetais e animais em decomposição*”. (VIANNA, 1975, p. 124).

Do outro lado das divergências estava o Dr. Américo Marques, que desde o início do aparecimento da epidemia na Província do Grão-Pará, ao presenciar os dois primeiros casos de mortes com as características e sintomas da Cólera que vinha assolando a Europa, tinha a convicção de que se tratava da Cólera Morbus epidêmica. Porém, sua posição foi consequentemente contestada por alguns colegas de profissão, o que só acarretou prejuízo para a população, devido à demora para diagnosticar ao certo do qual Cólera se tratava. Pois, levava-se dias para dar o parecer geral da doença, devido as divergências médicas e em algumas vezes até pessoal, e assim, muitas vidas foram perdidas para a doença. Só a partir do dia 15 de julho de 1855 teria sido decidido por unanimidade que se tratava da cólera morbus epidêmico (VIANNA, 1975).

Segundo Vianna (1975), mesmo com a decisão da maioria da Junta Central de Higiene Pública do Grão-Pará, os doutores Camilo Guimarães e Gama Malcher ainda sustentavam que se tratava da cólera esporádico, só muito depois que suas teses caíram por terra, devido o Cólera se espalhar por todos os bairros da capital e posteriormente por toda a Província. Pois, se fosse cólera esporádico como se acreditava, iria durar apenas poucos dias, ficando somente no bairro da cidade velha, ou setores próximos ao porto de Belém. Mas não foi isso que aconteceu, a Cólera foi se alastrando com uma velocidade e voracidade jamais vista, por toda a cidade de Belém, havendo casos em que devastou ruas inteiras, com sua maior intensidade na capital no dia 22 de junho como se observou nos apontamentos dos sepultamentos no Cemitério da Soledade de Belém³¹ (VIANNA, 1975).

No que diz respeito as divergências de opiniões percebemos o quanto foi difícil reconhecer quem estava certo em seu julgamento sobre a epidemia reinante no Grão-Pará, visto que o Dr. Américo Marques e o Dr. Camilo Guimarães travaram uma espécie de batalha para comprovar se o mal era na forma esporádica ou epidêmica. Contudo, conforme destaca Vianna, a partir da decisão final de que a moléstia era epidêmica, outro caso chamou a atenção nesse embate de opiniões, que foi quando o Dr. Silva Castro enviou um ofício explicando qual tipo de Cólera estava reinando na Província ao presidente da Junta Central de Higiene Pública do

³⁰ Rio indiano com foz na região do Golfo do Bengala (www.dicio.com.br).

³¹ Acompanhar dados dos sepultamentos no Cemitério da Soledade de Belém (VIANNA, 1975, p. 168).

Rio de Janeiro o Dr. Francisco de Paula Cândido, repassando para que todas as embarcações que saíssem do porto de Belém em direção aos países estrangeiros, levasse consigo uma carta de saúde avisando que: “**existe por causa da estação do tempo bastante calorosa o cólera esporádico com caráter grave**”; o que para o Dr. Américo Marques foi uma afronta a sua opinião, mesmo depois de estarem cientes sobre a característica da Cólera, ainda usavam da convicção de que era *esporádico*. O que fica claro na imprensa da época é de que exista uma discussão mais pessoal do que científica, já que para o Dr. Américo Marques não deveria prevalecer uma opinião individual, por se tratar de uma doença de caráter epidêmico, já deliberada por unanimidade entre os doutores que participaram da conferência de 27 de maio de 1855 (VIANNA, 1975).

Verifica-se assim que as divergências de diagnósticos que parecia já ter sido esclarecidas, ganha uma nova página entre o Dr. Francisco da Silva Castro e o Dr. Américo Marques Santa Rosa, no que diz respeito ao uso ou não da sangria em pacientes coléricos. Vianna dá ênfase na disputa destes dois doutores, conforme destaca nos apontamentos que o Dr. Silva Castro escreveu para o Presidente da Junta Central de Higiene Pública do Rio de Janeiro no ano de 1855. Esse entrave entre os médicos foi noticiado diariamente nos periódicos do jornal *Diário do Comércio*³².

Para o Dr. Silva Castro os números falam por si só, desde quando ele publicou no jornal *Treze de Maio* o artigo sobre como lidar e tratar os doentes por toda Província do Grão-Pará e do Amazonas. Castro evidencia um levantamento de quantos doentes o referido médico cuidava no Hospital Militar da Capital e em sua clínica particular:

Quadro 2 - Dados dos pacientes do Dr. Francisco da Silva Castro

Cor	Doentes	Mortos
Branco	80	7
Tapuios	19	4
Negros e Mestiços	267	4
Total	336	15

Fonte: CASTRO, 1983, p. 313.

³² Essa divergência entre os doutores na Província, foi observado nos periódicos do *Diário do Comércio* do n° 37 até o n° 43, com uma série de perguntas e respostas entre os dois médicos (CASTRO, 1983).

Pelas estáticas do Dr. Silva Castro são números ótimos de serem observados em tamanha proporção de enfermos salvos pelo seu método de cura que era baseado no uso da sangria, na maioria dos casos, tanto para prevenir os doentes, como em último caso quando o paciente já não tinha mais perspectivas de sobreviver. Todo seu trabalho foi questionado e não aceito pelo Dr. Américo Marques que viu na sangria um método de cura arriscado de ser utilizado em vista que na epidemia da febre amarela o resultado foi funesto³³, o mau sucesso do tratamento através da sangria nessa doença, ainda estava muito recente na memória do povo e dos médicos como o Dr. Américo Marques (CASTRO, 1983).

Nesse sentido, seu colega de profissão Dr. Castro concorda que não deu certo o uso da sangria geral, mais que no caso da Cólera os resultados foram excelentes, o que não convencia o Sr. Américo Marques, que pelas suas teorias e estudos dos saberes médicos, acreditava que deixar a sangria nas mãos de um povo ignorante como mandou Dr. Castro no guia-médico, sem ter conhecimento dos princípios básicos da medicina, seria um instrumento de morte por toda parte da Província, então seguir as práticas e o artigo publicado pelo Dr. Silva Castro para o povo seria um erro na opinião do Dr. Américo Marques (CASTRO, 1983).

Castro (1983) menciona que o Dr. Américo Marques não satisfeito com os métodos contestados, enquanto o Dr. Castro leva sua convicção do uso da sangria geral para o debate teórico com grandes nomes e estudiosos da Europa, entre os quais aponta para Grisolle³⁴, um médico que em seus escritos larga mão da sangria entre suas práticas, e que o Dr. Américo Marques já acompanhou em um de seus trabalhos, então o Dr. Castro o pergunta entre os periódicos do jornal do *Diário do Comércio*³⁵, porque do Dr. Américo Marques não utiliza dos meios curativos da sangria, se o mesmo já viu que mestres da ciência utilizavam com frequência e com grandes resultados positivos. Em contra resposta, o Dr. Castro diz que o Dr. Américo quer fechar os olhos a luz da verdade, as convicções e os fatos da teoria deixam claro o uso da sangria como máximo remédio de contenção da Cólera, mas o colega de profissão não quer ceder de sua argumentação contra o uso da sangria. O Dr. Silva Castro trás os relatos do Dr. Moreira sobre a nova Província do Amazonas que ali não há de perder uma só vida com o uso da sangria, dos quais estavam escritos nos artigos do *Treze de Maio*, que para aquele povo distante esse método de cura foi uma verdadeira glória (CASTRO, 1983).

Observa-se assim, que para o Dr. Silva Castro o que seu colega mais negava era a forma de tratamento utilizada em seus pacientes, que de fato eram tomados por base na teoria de

³³ Mortal.

³⁴ Augustin Grisolle, médico nascido na França (1811-869).

³⁵ Jornal Diário do Comércio, n. 37. (Castro, 1983).

homens referência no tratamento de Cólera na Europa, que escreveram suas teorias na maioria das vezes no seu idioma natal, com isso os escritos desses nomes da ciência se encontravam em línguas que não se conseguia ler, se não dominasse dos idiomas europeus, principalmente o alemão e o polonês dos quais mais se tratava a respeito da epidemia. Essa seria uma forma de entender que o Dr. Américo não se convenceu das teorias citadas pelos europeus, devido não ter conseguido a sua tradução para poder compreendê-la. Mas, o Dr. Américo responde dizendo que “*nunca se deixará fascinar por nomes, quando a sua razão reprova a opinião qualquer*”, completa o Dr. Castro dizendo “*pois não sabe meu colega, que essas opiniões são filhos da prática, da observação e do estudo apurado*” (CASTRO, 1983, p. 339). E as trocas de ideias continuam, pois nenhum queria se deixar sair por derrotado nos debates:

Américo, consagro muito respeito, e curvo-me diante desses grandes homens que estão lá nessas alturas, muito acima de mim, pobre pigmeu na ciência, porém nunca me deixarei fascinar por nomes, Castro então diz, rejeita a autoridade dos grandes mestres, e só quer falar em si, e na sua inteligência (CASTRO, 1983, p. 340).

Desta forma, o Dr. Silva Castro questiona os números do Dr. Américo Marques em relação aos casos que este recebeu na sua pequena clínica e no Hospital Militar, do dia 26 de maio até o final de junho. Pelas estatísticas do Dr. Silva Castro teria cuidado de 411 pacientes usando do método da sangria, em muitos dos casos como remédio máximo e perdeu apenas 17 pacientes, no mesmo período o Dr. Américo Marques perdeu 40 pacientes sem informar os números de doentes que cuidou, mas leva a crer que foi entre cem e no máximo duzentos, mesmo assim a diferença de proporções foi muito grande.

Outros dados dos médicos que trataram do Cólera em Belém do Grão-Pará:

Quadro 3 - Registro das estatísticas do final de maio ao final de junho de 1855

Médicos	Sangria	Pacientes	Mortes
Dr. Guimarães	Sim	X	16
Dr. Cantão	Sim	X	22
Dr. Bulhões	Não	X	53
Dr. Malcher	Não	X	36
Dr. Camilo	Não	X	19

Fonte: Castro, p. 342

Os números acima mostram que os doutores que usaram da sangria para tratar de seus pacientes, tiveram um resultado bem melhor de quem não a utilizou, na prática o Dr. Silva

Castro estaria correto em seguir na linha dos autores que o influenciou a usar do método da sangria no período da Cólera. Mas, releva compreender que o Dr. Américo Marques não use do mesmo método para seus pacientes, porque teria ficado chocado com a sangria, confessou no seu primeiro relato, foi porque viu sangrar três vezes no Hospital Militar, e sempre sem resultado feliz.

Nesse sentido, Castro (1983) menciona que o Dr. Silva Castro aceita a dúvida do colega de profissão, mas questiona em que momento da doença o Dr. Américo Marques viu sangrar, pois se for utilizada nos dois primeiros estágios da epidemia, os resultados serão sempre colhidos com sucesso. Mas se for utilizada quando paciente se encontra no estado de “*cadáver vivo*”, só um milagre pode o salvar, só em casos raríssimos se obtém um bom resultado quando a Cólera ataca com algidez³⁶. O Dr. Silva Castro pergunta para o Dr. Américo Marques, já que ele leu autores que lançam mão da sangria, porque não os segue na prática? Então o Dr. Castro utiliza um exemplo de autores que Américo Marques conhece:

“Na epidemia colérica de 1849 na França quase todos os práticos entre outros os Srs. Valleix³⁷ e Grisolles, cuja autoridade cita o Dr. Américo, lançaram mão da sangria, e estes dois autores a aconselham em suas obras no primeiro, e no segundo período da doença. E por que não a terá empregado o Sr. Dr. Américo? Por que não se curva diante dos grandes nomes, e só se fala na sua inteligência. Não é exato pois o que afirma no seu escrito, e bom será que cite os nomes dos práticos, que nessa época não faziam consistir na sangria o máximo remédio contra o Cólera” (CASTRO, 1983, p. 344).

Para dar fim nessa discussão que se estendeu pelas páginas do jornal *Diário do Comércio*, Castro³⁸ finaliza declarando que grande é a minha satisfação e glória por haver restituído a saúde a milhares de entes atacados do Cólera por todo esse interior da nossa Província, graças ao eficaz recurso da sangria geral, embora se diga, que se tem derramado inutilmente tanto sangue. Outros tantos não poderão proclamar aqueles que desacreditando a sangria, sem nunca a terem experimentado, vão povoando de cadáveres os cemitérios. Deus se compadeça desses imprudentes, e lhes perdoe o mal que tem feito (CASTRO, 1983).

³⁶ Esfriamento das extremidades do corpo, com sensação de frio intenso e tendência ao colapso, mesmo quando a temperatura central permanece normal (www.dicio.com.br).

³⁷ François Louis Isidore Valleix, médico pediatra francês (1807-1855).

³⁸ Dr. Francisco da Silva Castro, relatos tirados de seu punho em 24 de julho de 1855.

2.2. O SABER POPULAR COMO PODER DE CURA.

Castro (1983) faz referências aos meios terapêuticos de tratamento do Cólera Morbus na Província do Grão-Pará que mais surtiram resultados sobre a epidemia, os quais se destacaram, como: usar logo na invasão da doença os sudoríficos³⁹, os calmantes, os anódinos⁴⁰, o elixir paregórico americano, o elixir de Voronéje e a sangria geral.

Os nomes abaixo irão (são de) mostrar algumas misturas de medicamentos utilizadas para curar os enfermos, conforme é destacado por Castro (1983):

(...) Elixir paregórico americano.

Ópio brutoduas oitavas.
Açafrãoaã três oitavas.
Ácido benzoico
Óleo essencial de anistrinta e seis grãos.
Álcool amoníacouma libra.
Filtre depois de oito dias de digestão.

(..) Elixir de Voronéje.

Álcool de n° 35sete libras.
Cloreto de amoníacouma oitava.
Nitrato de potássio
Pimenta negraaã oitenta e sete grãos.
Água real1/2 onça.
Vinagre de n° 05uma e meia libra.
Óleo de naftameia oitava.
Óleo comummeia onça.
Hortelã-pimentasete oitavas.

Torna-se o nitro, a pimenta e o amoníaco, e lançam-se sobre o vinagre; passando uma hora adiciona-se o álcool, deixa-se em maceração por espaço de 48 horas, filtra-se e junta-lhe água real (água da Inglaterra), e tomando o óleo de hortelã-pimenta, azeite, óleo de nafta conjuntamente se misturam, ficando em repouso por 12 horas, no fim das quais se filtra (CASTRO, 1983, p. 276-277).

Essas foram as bases de medicamentos no combate da epidemia de Cólera Morbus, entre as quais o elixir paregórico americano foi muito bem aprovado no primeiro e no segundo momento do manifesto da doença, os números que a comunidade médica apresenta consigo são de encher os olhos, foram cerca de 541 pacientes só na capital que melhoraram após o uso do elixir, pelo interior da província sua procura foi bastante grande, assim como a utilização da sangria no primeiro e segundo estágio da doença, apenas uma cidade da província que não fez

³⁹ Que provoca ou induz à transpiração; que faz a pessoa suar (www.dicio.com.br).

⁴⁰ Aquilo que diminui ou acaba com a dor (www.dicio.com.br).

uso da sangria geral, que foi a cidade de Cametá, nenhum só caso de sangria ouviu-se falar por aquela cidade disse Dr. Silva Castro (CASTRO, 1983).

Neste sentido, Castro nos faz inquerir se foi por esse motivo que a cidade de Cametá sofreu tanto assim com as mortes ocasionadas pela Cólera? Pois, para o restante da Província do Grão-Pará e Amazonas, a sangria foi a salvação na luta contra o mal, havendo lugares onde a epidemia não ceifou nenhuma vida. Outro motivo poderia ser a demora da chegada do boletim médico com as instruções de medicamentos para lidar com a moléstia, que pela cidade de Cametá só chegou a partir do dia 22 de junho com o Dr. Angelo Corrêa. Alguns desses motivos podem ter provocado o aumento no número de mortes na cidade de Cametá. Mais são dúvidas como essas que permanecerão sob investigação mais a fundo, pois o que sabemos é que a cidade de Cametá não estava preparada, assim como qualquer outra cidade da Província do Grão-Pará, que não havia algum tipo de saneamento básico, pois foi só depois do surto de febre amarela e Cólera Morbus que o Brasil começou a se modernizar e infra estruturar suas capitais com medidas sanitárias mais eficaz.

Castro (1983) destaca que em um ofício direcionado do Dr. Silva Castro ao presidente da Junta Central de Higiene Pública do Rio de Janeiro, Francisco de Paula Cândido, em 3 de julho de 1855, aponta cinco prováveis causa da doença atacar com violência a cidade de Cametá:

- 1º - a natureza topográfica da comarca, a qual é situada em terrenos baixos e muito úmidos, alguns mesmo alagados em suas ilhas;
- 2º - a má alimentação que ali se gastava, sendo por via de regra peixes salgados e com particularidade maparás⁴¹;
- 3º - o terror de que se apoderou o povo acreditando que a moléstia era contagiosa e incurável;
- 4º - a falta de medicamentos apropriados para combater a doença, e de quem os soubesse aplicar;
- 5º - do desgraçado erro, em que muita gente vivia, particularmente a classe baixa, de que é necessário não deixar cair o corpo em debilidade quando doente, e daí o desespero da dieta tão necessária e o abuso inconsiderado dos alimentos (CASTRO, 1983, p. 320-321).

Vem a notícia de que Cametá tem obtido excelente proveito do elixir paregórico americano, e o mesmo tem ajudado a se curar a todos que fizeram de seu uso. A sua vantagem é incontestável, e tão reconhecida que de Cametá oficializaram ao Governo Provincial convocando com urgência uma remessa do dito elixir e recomendando-o como um remédio

⁴¹ Peixe encontrado na Amazônia e no rio Paraná, de dorso azulado, ventre esbranquiçado, olhos situados sobre a articulação mandibular, e cuja carne é considerada de boa qualidade; cangatá, mapará-de-Cametá, mapurá (www.dicio.com.br).

miraculoso⁴², com o favor do qual iam conseguindo ali salvar a vida de muita gente, e o Governo imediatamente ordenou, que satisfizesse semelhante reclamação, acompanhados de outros medicamentos preciosos para a cidade, como a *goma arábica*, o *láudano*⁴³ líquido e o *sinapismo*⁴⁴ (CASTRO, 1983).

Segundo Castro, para compreender os estágios da epidemia de Cólera Morbus e entender como ela ataca, os escritos do **Dr. Silva Castro** vem nos esclarecer de como identificar seu estágio e como poder tratar o enfermo acometido do flagelo asiático. O modo como a Cólera se manifesta está relacionada a quatro estágios. **O primeiro estágio da doença é a (Colerina leve)** – Se o doente oferece os sintomas como: enfraquecimento nas pernas, abatimento geral, prostração, dor de cabeça, escurecimento da vista, delírio, esfriamento nas mãos e pés, náuseas, ânsias, as vezes vômitos, suor frio, e copioso, boca seca e amargosa, sede, ligeira febre, e branda dor no epigástrico ou estômago. É a colerina leve, basta tomar três ou quatro goles de cachaça com puchirí ralado, ou sem ele, logo depois uma boa chávena de infusão de macella, ou de tília, losna ou ainda melhor de grêlo de laranjeira com três ou quatro colheres de coagnac, anisêta, genébra, ou cachaça forte, e fazer algumas fricções secas na boca do estômago com uma escova, ou baêta (CASTRO, 1983). A partir daí os males sucedem e o doente começa a melhorar e lhe é receitado o uso desses calmantes, conforme destaca este mesmo autor:

Re.
Água destilada de canela - duas onças
It de hortelã pimenta - duas onças
It de flores de laranjeira – duas onças
Elixir paregórico americano – meia oitava
Xe de ether sulfúrico – uma onça.
Je. Me.

O segundo estágio da doença é a (Colerina grave) se aqueles mesmo sintomas se apresentam mais pronunciados e acompanhados de maior esfriamento, com algumas pequenas câimbras nas pernas, peso nos lombos ou rins, dor ou câimbra forte no epigástrico ou estômago, e mais febre é a colerina grave. Neste caso faço as mesmas aplicações acima indicadas, e acrescento as fricções com escova secas por todo o corpo ou com álcool canforado, um sinapismo pequeno na boca do estômago. E se a câimbra do diafragma, ou dor na boca do estômago não ceder com a aplicação do primeiro; e se a dor persistir, apesar de todos esses meios empregados, mando então fazer uma sangria de 8 a 10 onças nos braços. A doença

⁴² Desenvolve milagres.

⁴³ Algo que faz adormecer ou alivia.

⁴⁴ Cataplasma em que a mostarda é a base principal (www.dicio.com.br).

declina, e, portanto, passo logo o uso de mistura salina simples, do laxante para o doente se restabelecer (CASTRO, 1983).

O terceiro estágio da doença é a (Cólera confirmado) se estes mesmos sintomas aparecerem, porém exagerados, como: com grandes câimbras, diarreia ou vômitos abundantes de um líquido semelhante a água de arroz, ventre selado, fisionomia decomposta, olhos encovados, pele lívida, frio glacial, suor abundantíssimo, voz sumida, e urinas suprimidas (cólera confirmado). Convém aplicar-se este último tratamento com mais energia, e assiduidade, devendo-se muito em tempo, isto é, logo no começo lançar mão as sangrias, e não se esperar, que o período álgido, ou do esfriamento, se adiante, e prolongue, por que nesse caso, essa medicação é inútil, e sem proveito (CASTRO, 1983). Se a diarreia continuasse, conforme relata Castro, era receitado o clister seguinte:

R. Cozimento concentrado de goma-arábica – Uma libra.
Laudano liquido de Sydenham – Uma oitava.
Je. e Mde.

Quando a diarreia não sede ao clister, nesse caso também emprego internamente pela boca o seguinte:

Re.
Cozimento de goma-arábica. – Uma libra.
Laudano liquido de Sydenham. – Uma scrop.
Xarope de althéa. – Uma onça.
Je. Me.
Para tomar em 4 partes iguais de 3 em 3 horas.

O quarto estágio da doença é o (Cólera fulminante) se o doente caísse redondamente no chão sem fala, e só fazendo contorções, provocadas pelas câimbras, devia logo sangrar largamente no braço, e depois proceder como no último caso. Após o doente passar desses três estágios e sobreviver, teria que obedecer a proibição absoluta de comida, e até mesmo os caldos de 24 a 48 horas. Muitos dos que escaparam da Cólera, não se cuidaram no tempo certo que era estipulado para o corpo se reabilitar e abusaram da alimentação, desse modo sofriam a recaída da doença que era fatal (CASTRO, 1983, p. 299-300-301).

Para deixar claro o que foi o período sombrio da Cólera no Grão-Pará do século XIX, a epidemia não só matava as pessoas, como também desmoralizava quem sobrevivia, ou quem presenciou, pois, a forma de morrer eram desumanas como diz Beltrão (2007):

“ O temor e o pânico de contrair a moléstia durante o evento epidêmico era constante. Ninguém escapava à dor. Todos os paraenses passaram pela experiência de ver membros de suas famílias; vizinhos; conhecidos ou

autoridades públicas serem afetados ou ceifados pelo flagelo. A dor fazia parte do cotidiano. Para fazer o enlace epidemia/sociedade/cultura tenta-se visualizar o colérico a quem era os coléricos no Grão-Pará. Uma pessoa afetada pela Cólera vomitava abundantemente, de início, os alimentos ingeridos e, em seguida, líquido semelhante à bÍlis⁴⁵; sintoma acompanhado de diarreia, inicialmente de matérias fecais e, depois, líquido aquoso parecendo água de arroz. A desidratação produzia olhos encovados semiabertos e revirados para cima; pele lívida, sobretudo em volta dos olhos e das mãos; extremidades do corpo encurvadas – mãos e pés - e unhas roxas; ansiedade, inquietação e desassossego, suores frios e câibras fortíssimas. A voz sumida, a língua tornava-se esbranquiçada; o pulso praticamente desaparecia. Não raramente, em poucas horas, o doente perdia os sentidos e sofria horríveis convulsões”. (BELTRÃO, 1997, p. 35).

No entanto, morrer de Cólera seria pior que morrer como um animal irracional, degradante e humilhante, se dizia que morrer de “tuberculose⁴⁶” que era até então uma forma de morrer terrível, não se comparava ao morrer de Cólera Morbus.

Para entender e compreender como se deu os métodos de cura dos saberes tradicionais em Cametá principalmente entre os índios carijós⁴⁷ em meio a epidemia de Cólera, se faz importante observar a fala de dona Anadia Farias Marques, que relembra com clareza de detalhes os ensinamentos de seu avô José Félix Ribeiro, que teria presenciado o período colérico de 1855 em Cametá:

Era por isso que morria muita gente, porque não tinha a medicina, eram só remédios caseiros que faziam, como o meu avô ele fazia muitos remédios caseiros para dar. Naquela época ele era o médico, ele era o curador, ele era um dos caboclos pajé na tribo dele. E ele curava, curava muita gente; só que a doença terrível não os poupava, atacava rápido, não havia tempo de sobreviverem. Olha, o meu avô me ensinava, para mim que me casei aos 21 anos eu ainda o acompanhei por toda minha infância e juventude diz dona Anadia, meu avô Félix dizia, minha filha “não deixa de fazer se teus filhos tiverem diarreia, arranja aquela folhinha de goiaba de ponta, caju, ou então coloca a casca da goiaba e do caju, a folha do parirí, faz o chá e dá para passa a diarreia”, por que a goiaba, caju e o parirí curam o intestino, pois eu não tinha tantos remédios de farmácia, eu dava remédios caseiros para meus filhos (Anadia Farias Marques, entrevista realizada em outubro de 2018).

No decorrer da entrevista com dona Anadia, mencionei que no meu trabalho de pesquisa tomo conhecimento os benefícios do suco do limão como medicamento no combate e prevenção da cólera, e dona Anadia então diz: “ o porquê o limão? ”

⁴⁵ Substância de coloração amarelo-esverdeada de gosto amargo, que o fígado dos seres humanos, ou dos vertebrados, secreta com a função de auxiliar na absorção de gorduras (www.dicio.com.br).

⁴⁶ Morte de tuberculose no século XIX, era uma das maneiras mais terríveis de morte.

⁴⁷ População nativa da cidade de Cametá, chamada de índios carijós, atualmente extintos, viviam próximo a praia da Aldeia, hoje conhecida como “Aldeia dos Parijós”.

“Olha, para passar uma diarreia com dor, meu avô fazia para seus filhos e eu fazia para os meus, era, tira três dedos de café líquido adoçado e acrescenta uma banda de limão e dá para quem está com dor de barriga, cólica e diarreia, que logo passará o incomodo” (Anadia Farias Marques, entrevista realizada em outubro de 2018).

A partir da análise da fala da dona Anadia Marques, percebemos o quanto os saberes populares esteve presente, principalmente nas comunidades indígenas de Cametá, que se utilizavam dos conhecimentos dos frutos, plantas e ervas, para poder lidar com o mal da Cólera, pois não havia recursos do Governo Provincial para a população pobre, que não utilizavam de remédios de farmácia em tempos de Cólera. Através das lembranças dos ensinamentos do avô dona Anadia Marques, percebemos o quanto o limão e os recursos naturais foram de extrema importância para a população mais pobre, principalmente a indígena.

Entre todos os médicos que serviram de seus conhecimentos médicos para ajudar a combater o mal da cólera por toda a Província do Grão-Pará, o *Dr. Francisco da Silva Castro* foi quem teve maior papel relevante em tempos de Cólera, seu nome aparece com frequência devido ele ser o Presidente da Junta Central de Higiene Pública do Grão-Pará, responsável em notificar o Presidente da Junta do Rio de Janeiro Francisco de Paula Cândido sobre tudo o que vem acontecendo em relação a Cólera em Belém, outro fator que faz prevalecer seu nome no trabalho, se faz devido ele está envolvido em todos os questionamentos sobre os meio de tratamento sobre a moléstia, e a sua divergência entre outros profissionais de saúde.

Para Castro (1983), nos meios de combate a Cólera Morbus, receitado pelo Dr. Silva Castro no seu artigo; *“Duas palavras sobre a epidemia reinante”*, aparecem diversos medicamentos naturais e comuns que por inúmeras vezes são usados pelos “charlatões”⁴⁸ da cidade e do interior, que por ventura eram contra o uso da sangria empregada pelo Dr. Castro e os demais médicos. Já o Dr. Silva Castro era contra os homeopatas⁴⁹ e curandeiros⁵⁰ que dentre o povo exercia funções de “falsos” profetas da medicina, disseminando que era inútil a utilização da sangria geral para o combate à epidemia reinante na Província do Grão-Pará. O que o Dr. Silva Castro leva em consideração para condenar as práticas aos meios de tratamento utilizados pelos curandeiros é que muitas das vezes os enfermos sofrem recaídas que são fatais e não sabem explicar porque de seus pacientes tendem a ter as recaídas (CASTRO, 1983).

⁴⁸ O mesmo que curandeiros, embusteiros, fariseus, impostores, intrujões (www.dicio.com.br).

⁴⁹ É um método de tratamento que consiste na administração de doses mínimas do medicamento ao doente para evitar a intoxicação e estimular a reação orgânica (www.dicio.com.br).

⁵⁰ Que procura tratar e curar doentes sem habilitação médica oficial, que denota o uso de magias, rezas, beberagens e etc. (www.dicio.com.br).

Contudo, Castro (1983) afirma, que o Dr. Silva Castro, apesar de ser um médico alopata⁵¹, reconhece os benefícios dos saberes populares que chegam até seus conhecimentos através de relatos obtidos por toda Província do Grão-Pará e do Amazonas, entre eles o caso de Curuçá⁵² que ele mesmo cita:

Exporei ainda um meio curativo, que empiricamente tem sido aplicado por um Curandeiro de Curuçá com felizes resultados; de sessenta e tantos casos ocorridos em dois dias (23 e 24 de junho) nenhum só foi fatal. Devo estes esclarecimentos ao Reverendo Frei Boaventura de Santa Maria, que acaba de chegar desse lugar e presenciou os curativos. Se o doente é levemente acometido da moléstia, toma apenas um chá bem quente de folhas de ayapána (*Eupatorium Ayapána*), ou de cauárucaá (*Dorstenia Brasiliensis*), e com o suco das mesmas plantas é esfregado o corpo todo, e o cobrem depois para promover a diaforese⁵³. Se, porém, a doença se caracteriza com sintomas graves, mesmo de algidez, é combatida logo pela forma seguinte, - externamente cataplasmas de malaguetas nas palmas das mãos, dorso dos pés e epigástrio, fricções da mesma pimenta por toda a coluna vertebral e internamente infusão de folhas secas de tabaco ou nicotina. Dentro de pouco tempo sucedem-se os vômitos e dejeções alvinas em virtude da ação deste narcótico-acre, reaparece o calor periférico e a transpiração; e o doente salva-se. O tabaco é administrado a olho em pupilo sem conta nem peso e apesar da energia da ação desta planta ainda felizmente não havia sucedido caso algum de envenenamento (CASTRO, 1983, p. 331).

Por outro lado, Vianna (1975), descreve em seu texto relatos de um meio medicinal descrito no boletim médico do jornal *Treze de Maio*, que até então estava disperso pela comunidade médica de Belém, e apesar do Dr. Silva Castro ter conhecimento de seu proveito, ainda não prescrevia em suas receitas de prevenção e cuidados contra a enfermidade até receber a notícia da Província do Amazonas que ali teve resultados magníficos o uso do **suco de limão** como remédio benéfico ao combate ao Cólera Morbus.

Esse método de cura já era utilizado em várias prescrições, tanto pelos homeopatas como pelos alopatas. Mais foi só no dia 16 do mês de novembro de 1855, já no declínio da moléstia que o Dr. Silva Castro teve conhecimento dos seus resultados positivos no município de Villa-Franca trazidos pelo Bispo D. José Afonso de Moraes Torres⁵⁴ que regressava da Província do Amazonas para Belém do Grão-Pará trazendo os relatos que observou (VIANNA, 1975).

Segundo Vianna, na passagem do bispo pela Província do Amazonas foi colhida as informações sobre o uso do suco do limão:

⁵¹ Meio terapêutico que visa tratar as patologias pelos meios contrários às mesmas, através de medicamentos com ação específica nos sintomas. É a chamada medicina tradicional (www.dicio.com.br).

⁵² É um município brasileiro fundado em 1652, localizado no Estado paraense (www.cidade-brasil.com.br).

⁵³ Transpiração intensa (www.dicio.com.br).

⁵⁴ José de Afonso de Moraes Torres (1805-1865), nascido no Rio de Janeiro era bispo da arquidiocese de Belém.

“Está notícia foi transmitida a S. Exc. Revma. Pelo Senhor João Francisco Régis Baptista, morador daquele distrito da província, o qual conversando com o S. Exc. Revma. lhe contará, que um dia indo uns pobres índios pescadores em sua montaria ⁵⁵para o lago de Villa-Franca com o fim de pescarem, aconteceu que um deles fosse atacado fulminantemente pelo Cólera, a ponto de cair na água. Sendo logo recolhido para bordo da pequena canoa, pelos seus companheiros e conduzido a terra, cuidaram estes de socorrer-lo como puderam em tão remotas e inóspitas paragens. Não possuindo porem remédios alguns dos recomendados como próprios para resistir a doença, e não sabendo como valer em tão apuradas circunstâncias ao seu semelhante gravemente enfermo, lembrou-se um deles, talvez inspirados pela Graça Celeste de buscar no fundo da montaria alguns limões, que ali levaram para seu gasto, de os espremer e de dar a beber o suco ao paciente, repetiram isto algumas vezes durante o dia. Mas qual foi o espanto desses homens *semisselvagens*⁵⁶ ao verem o seu companheiro reanimar-se, falar, assentar-se, e finalmente ficar curado sem outro algum socorro à mais (VIANNA, 1975, p. 146).

Nesta mesma Villa-Franca outros indígenas vieram adoecer da Cólera e forem curados do mesmo remédio que é o suco do limão, então a notícia da preciosa descoberta foi se espalhando de boca em boca, o que para aquele município foi de extrema importância conseguir um meio terapêutico eficaz. Do registro computado dos atacados pela Cólera na Villa-Franca pela relação da Junta, era de trinta doentes e apenas um veio a falecer com a utilização do limão com o auxílio de outros meios terapêuticos, ou seja, eram números muitos favoráveis ao combate da epidemia. Entretanto, esse recurso médico já era recomendado em 1832 pelo químico parisiense Cavaillon no *Jornal Química Médica* para cessar os vômitos dos coléricos. Outro que também receita o limão em Paris no tempo de Cólera foi o professor Serres⁵⁷, que obtinha ótimos resulta com limonadas concentradas (VIANNA, 1975).

Neste sentido, conforme analisa Vianna, se o limão foi bem na França em seu período colérico, por que caiu no esquecimento e não foi prescrito por outros tempos de Cólera? São perguntas que ficaram sem respostas. Na Província do Grão-Pará e do Amazonas só foi utilizada no declínio da epidemia em novembro de 1855, entretanto já se sabia de seus benefícios, mas por algum motivo só foi utilizado tarde, como se observa através dos relatos do bispo D. José Torres.

Após a descoberta da eficácia desse novo meio de tratamento na Província, o Dr. Silva Castro procurou se aprimorar e estudar os benefícios que o suco do limão traz aos enfermos doentes e começou a receitar em sua clínica particular para seus pacientes da seguinte forma;

⁵⁵ Canoa ligeira, de um só madeiro, em geral escovada a fogo (www.dicio.com.br).

⁵⁶ Análise superficial eurocêntrica do autor, em relação a categoria indígena, ao qual não se pode concordar atualmente com suas palavras (Vicente Medeiros).

⁵⁷ Antoine Étienne Renaud Augustin Serres (1786-1868), médico e professor parisiense.

uma colher de sopa de meia em meia hora na *colerina leve*, na *colerina grave*, na *cólera confirmado* e na *cólera fulminante*. Com isso os vômitos, a diarreia, a sede e a ansiedade terminam completamente na 5°, 6°, 7°, ou na 8° colherada. A sede devastadora que atormenta os coléricos desaparece por enquanto, restando apenas alguma secura. Manifesta-se sempre uma pequena reação febril, acompanhada de diaforese lenta geral, fastio, ligeiro abatimento e por último grande evacuação de urinas. Proíbo absolutamente a água e os caldos e ordeno que cubram bem os doentes com cobertores, faculto algumas pequenas sopas, logo que a reação tem terminado é que a convalescença vai começar (VIANNA, 1975).

Em poucos dias os doentes se restabelece e procura as suas ocupações habituais. Daí em diante por ser um médico alopata e se utilizar de saberes populares, começou a sofrer algumas chacotas de seus desafetos que não abriam mão da medicina tradicional, foi então que alguns doutores da capital começaram a chama-lo de “**doutor limonada**”, o que esses desafetos de Silva Castro não sabiam, era que o suco do limão não só era um excelente remédio de cura como também um preventivo à Cólera Morbus (VIANNA, 1975).

Como se pode observar nas análises científicas do célebre bacteriologista alemão Kock⁵⁸ que descobriu o micróbio do Cólera em 1883, em seus estudos foi verificado que uma quantidade mínima de ácido era capaz de sucumbir⁵⁹ o bacilo colérico, e este ácido é encontrado em abundância no suco do limão (VIANNA, 1975).

Para Vianna, com essas descobertas pós Cólera no Grão-Pará, fica evidente que o tratamento com o suco do limão seria a melhor opção desde o início para se tratar da epidemia de 1855. Fica claro também, que tanto os medicamentos baseados nas autoridades médicas como no saber empírico⁶⁰ do povo, foram de grande importância no combate da doença. Mas, é perceptivo que houve uma certa perseguição ao saber popular, principalmente aos curandeiros espalhados por toda Província, que exerceram um papel importante ao longo do período colérico, utilizando dos seus conhecimentos da natureza, principalmente de sua farmácia natural que é a floresta amazônica. E que até os dias atuais se utilizam desse saber popular para cuidar de outras doenças que acometem o ser humano, e essa prática ainda é bastante descriminalizada pela classe médica brasileira que não reconhece sua importância em meio a uma medicina tradicional de alopatas.

⁵⁸ Heirich Hermann Robert Koch (1843-1910), bacteriologista alemão responsável pela descoberta do causador da cólera: o *vibrio cholerae*.

⁵⁹ Perder o ânimo; abater-se (www.dicio.com.br).

⁶⁰ É um fato que se apoia somente em experiências vividas, na observação das coisas, e não em teorias e métodos científicos (www.significados.com.br).

As características de ajuda ao próximo pelos homeopatas foram mais aceitas pelo povo da Província do Grão-Pará, pois indicavam e ensinavam ao leigo um caminho supostamente mais seguro no tratamento da epidemia, pois o medicamento oferecido em doses diminutivas, não colocaria em perigo a vida de um humano supostamente frágil pela doença, o paciente ao cair abatido pela Cólera e ser ouvido, é um desejo que torna a relação de médico/doente bem melhor, pois assim o profissional poderá receitar o medicamento exato para o sintoma exato que o paciente está sentindo de ruim no momento (BELTRÃO, 1997).

A detalhada atenção do profissional ao escutar o enfermo, serve de um meio importante na relação de profissional da saúde/doente, um médico disposto a ouvir o que seu paciente precisa faz com que a medicação se torne mais eficaz, podendo servir de medicamento o que o enfermo necessita para se reabilitar. O que provocou um certo descontentamento da classe de médicos alopatas, pois quanto mais os homeopatas ensinavam os meios de tratamento com uma linguagem mais compreensiva, interagindo com os conhecimentos populares que essas pessoas comuns já conheciam, acabou rompendo com o monopólio dos doutores da alopatia na Província do Grão-Pará (BELTRÃO, 1997).

É notável o quanto a prática homeopática foi desvalorizada principalmente dos meios de comunicações do Grão-Pará, onde mais prevalecia as prescrições médicas dos alopatas nos periódicos, com a assinatura do responsável por receitar tais meios terapêuticos, quem sempre assinava para comunidade alopata era o Dr. Francisco da Silva Castro. Por outro lado, o pouco espaço dos jornais que recebia a categoria homeopática do Pará, consecutivamente estava a mercê de algum responsável em assinar tais receitas de medicamentos para o combate do mal, com isso o conservadorismo dos jornais sempre prevalecia o lado dos doutores alopatas praticantes da medicina tradicional que estavam de acordo com a legalidade (BELTRÃO, 1997).

Mas, em tempos de Cólera o contingente de profissionais de saúde alopatas eram pequena em relação as proporções gigantescas da Província do Grão-Pará para atender uma população estimada em 247.248 indivíduos⁶¹, para isso a contribuição dos profissionais homeopáticos foram de grande importância, não só por terem ensinados leigos para combater o Cólera, mais por terem suas boticas homeopáticas a disposição de todos que precisassem de medicamentos em tempos tenebrosos, sem eles, o número de vítimas da epidemia seria muito maior (BELTRÃO, 1997).

⁶¹ Mesmo que pessoas, 247.248 era a estimativa de habitantes em 1854 no Grão-Pará (VIANA, 1975).

Em um trecho do artigo de Jane Felipe Beltrão, *A Arte de Curar em Tempos de Cólera ... Ou o Uso da Homeopatia Durante o Flagelo – Grão-Pará, Século XIX*, publicado em 1997, falando do Rio de Janeiro, fica claro o que foi esse clima de tensão na categoria de médicos alopatas e homeopatas durante o Império: *“apesar de acirrada a defesa dos homeopatas, em tempo de Cólera, as autoridades imperiais fecham o cerco e, ao nomearem as Comissões Médicas para cuidar dos coléricos deixam de fora os homeopatas, provocando tal protesto do presidente Dr. Duque Estrada⁶²”*. (BELTRÃO, 1997).

Beltrão se refere aos dizeres do presidente da Academia Médico-Homeopática do Brasil, em carta ao Ministro do Império:

“Duas únicas razões poderão somente justificar semelhante exclusão: - a incapacidade desses médicos para o exercício da medicina, - e a *convicção da eficácia do sistema dos semelhantes*; - mas nenhuma nem outra são admissíveis porque, quanto a primeira, é sabido que de quarenta os mais médicos homeopatas existentes nesta capital [Rio de Janeiro], todos ou quase todos são filhos das escolas do império, que nunca tiveram desmoralizadas ao ponto de darem diplomas autorizando a homens inaptos para o exercício da medicina; e quanto a segunda, se o governo imperial não acreditasse na virtude e energia da nova doutrina, de há muito teria proibido por prejudicial e assassina; porém ao contrário o governo imperial não ignora que a homeopatia, que há 13 anos se implantou entre nós, tem, obstante a guerra tenaz, intrigas e calúnias da alopatia, augmentado cada vez mais o seu domínio, elevando todos os dias o número de seus partidistas, e isso por ter não só constantemente em seu favor os fatos, linguagem verdadeira, ante a qual baquêem sempre todas e quaisquer argumentações contraria senão pela sua importância intrínseca” (BELTRÃO, 1997, p. 12).

Beltrão prossegue afirmando que para convencer e defender sua argumentação ao benefício da homeopatia o médico presidente Duque Estrada faz um desafio ao Ministro do Império:

“Desafio o Ministro do Império a consultar as pessoas de diversas classes sociais acerca da Homeopatia, pois possuía a convicção de que, pelo menos, um milhão de vozes seriam encontradas para bendizê-la. O desafio não foi respondido. Por sua vez, a Academia informa, publicamente, que não necessitava de nomeação das autoridades para prestar socorro a população. Em sessão realizada em 21 de junho de 1855, os homeopatas, decidiram-se dividir em comissões e atuar em todas as freguesias, prestando assistência gratuita as pessoas que reclamassem os socorros da Homeopatia. A decisão foi tomada antes da medida imperial e, segundo a Academia, não foi de imediato publicado para evitar censura antecipada do governo” (BELTRÃO, 1997, p. 12).

⁶² Domingos de Azeredo Coutinho de Duque Estrada (1812-1900), nascido na cidade do Rio de Janeiro, foi presidente da Academia Médico-Homeopática do Brasil (www.geni.com)

Os profissionais de saúde praticantes da homeopatia no Rio de Janeiro não se diferem dos homeopatas e dos charlatães do Grão-Pará, na luta por reconhecimento de sua prática de cura, receberam uma certa carga de “preconceitos” da classe dos alopatas que detinham ao seu lado o apoio do Governo Imperial e dos meios de comunicação, mais em se tratando da preferência do povo que estava habituado com a prática de tratamento mais comum dos homeopatas, sem o uso da sangria utilizada pelos alopatas como remédio máximo ao combate do Cólera, gerava mais adeptos dos profissionais da arte de curar sem que precisasse sangrar.

Para melhor comprovação em números entre alopatas e homeopatas o *Treze de Maio* trás os números do conselheiro J. B. Batista Pinheiro, que publicou seis dias antes do *Treze de Maio* os números que demonstram resultados positivos da Homeopatia que sobre “2.239 coléricos perdeu apenas 170 e sobre 495.027 a Alopattia perdeu 240.239”⁶³ coléricos, isso significa que para quase 100 doentes a alopattia perdeu 50. Já a homeopatia perdeu menos de 8 em 100 doentes, esses números são comprovados pelo J. B. Batista Pinheiro que anuncia sua fonte de pesquisa no artigo de Jane Beltrão (BELTRÃO, 1997).

Verifica-se desta forma, que os *saberes populares* se saíram melhor que a *medicina tradicional*, tanto na Província do Grão-Pará, como em outras partes do Brasil. Mas, o que percebemos nos textos analisados sobre o Cólera, é que quem prevalece nos anúncios e escritos da época são os doutores alopatas, que tanto preconizaram os feitos dos profissionais homeopatas e charlatães de toda parte do Brasil. No Grão-Pará não foi diferente, esse segundo capítulo buscou mostrar as divergências entre médicos alopatas e também ao uso da sangria como salvação ou destruição; e dos saberes populares como arma de enfrentamento ao flagelo asiático que tanto castigou essa Província.

⁶³ Notas sobre o Cholera feitas pelo Conselheiro J. B. Batista Pinheiro. *Pract. Element.* Da Homeop. 4ª. Edição pag.399 (BELTRÃO, 1997).

CAPITULO III

MORTES E MISTICISMO

3.1. A COR SOCIAL DA MORTE EM TEMPOS DE CÓLERA.

Passados os meses de efervescência do Cólera no Grão-Pará, o Governo Provincial ainda buscava respostas para saber como o flagelo asiático chegou até a cidade de Belém, para o Dr. Silva Castro, ao enviar um ofício para Francisco de Paula Cândido, Presidente da Junta Central de Higiene Pública do Rio de Janeiro, estava convencido que o Cólera seria um produto importado de fora e não de origem amazônica. Seu principal alvo sempre foi a “*Galera portuguesa Defensor*” mais precisava de uma documentação precisa para elucidar sua convicção de certeza. Contudo, dizia que a voz do povo já o condenava como responsável por trazer as desgraças e sofrimento para a população de toda a Província do Grão-Pará (CASTRO, 1983).

Vianna (1975), Beltrão (1997) e Santos (1994) mencionam nos seus respectivos estudos, que o navio Defensor, o “possível” portador da bactéria colérica, aportou no Grão-Pará em 1855, contudo, os referidos autores não registram a comprovação efetiva ou a certeza da importação da doença por este navio. Porém, tudo leva a crer que este teria sido o responsável pelo mal, devido ter deixado embarcar um passageiro doente em meio a sua tripulação, conforme já foi destacado no primeiro capítulo deste estudo, a partir da análise feita pelo Dr. Silva Castro, que faz referências ao navio Defensor como o provável “foco” de importação da epidemia de Cólera no Brasil.

Nestas condições, as discussões a respeito das características da epidemia se encerram graças a descoberta de John Snow (1813-1858)⁶⁴, assegurando que disseminação da doença acontecia através da água:

“A partir de 1850 a cólera começou a reverter a balança do saber médico em direção às teorias do contágio por germes. O primeiro sinal da mudança surgiu de um verdadeiro trabalho de “médico-detetive” feito pelo inglês John Snow. Trabalhando como se estivesse conduzindo um experimento, por tentativa e erro, o médico inglês conseguiu descobrir que um surto violento no centro da cidade de Londres, que chegou a vitimar 500 pessoas entre 31 de agosto e 10 de setembro de 1854, provinha de uma bomba d’água contaminada usada pela população local. Snow propunha-se, ainda, a demonstrar que as evacuações de um doente, ao atingirem as águas da cidade, podiam disseminar o “veneno mórbido” para a população que fizesse uso dessas águas. Não eram eflúvios e exalações pútridas os causadores da doença, dizia ele, mas sim os germes contidos na água usada para beber. Snow não identificara o bacilo causador. Que foi o médico e pesquisador alemão Robert Koch descobriria décadas mais tarde (SANTOS, 1994, p. 82).

⁶⁴ John Snow (1813-1858), nascido em Londres na Inglaterra, era cientista, médico, epidemiologista e sanitarista.

A partir de tais análise, observa-se que se essa informação da descoberta de John Snow, em 1854, tivesse chegado até as autoridades do Grão-Pará, a respeito da transmissão do Cólera, a história teria sido diferente no combate da epidemia, pois se conseguiria identificar de forma mais rápida os locais de transmissão, e as mortes ocorreriam em um número relativamente menor.

Observando os dados apresentados por Beltrão (2007), é possível identificar pela profissão qual setor foi mais acometido pela Cólera Morbus em Belém do Grão-Pará:

Quadro 4 – Relação de profissão/emprego em 1855

Profissão/emprego	Número	Profissão/emprego	Número de acometidos pela doença
Alfaiate	12	Lavrador	10
Carpina	31	Marítimo	10
Piloto	12	Pedreiro	16
Sapateiro	10	Negociante	5
Soldado	34	Músico	5
Ferreiro	4	Remeiro	59

Fonte: BELTRÃO (2007, p. 161).

Nos dados citados é possível analisar que as pessoas que detinham suas profissões vinculada nas proximidades dos rios ou que tinham mais contato com água, foram as principais vítimas da epidemia de Cólera em Belém. O que nos faz perceber que a água contaminada pela bactéria colérica era a principal transmissora da doença, o que reforça a probabilidade do navio Defensor ter sido o principal suspeito de ter trazido a doença da Europa para o porto da capital da Província.

Outro fator notado na pesquisa que ressalta as diferenças sociais no contato da Cólera e a cor de suas vítimas, está presente nos apontamentos citados pelo Dr. Silva Castro, que faz menção do porquê da cor negra sofrer mais do que as outras com a epidemia:

Entre os pretos são os escravos os que mais tem padecido, mormente aqueles, cuja alimentação por via da regra é pouca e má; que abusão em alto gral das bebidas espirituosas; que andam mal agasalhados de roupa; que vivem em habitações úmidas e imundas, verdadeiras pocilgas⁶⁵; e a final, quando doentes, para maior desgraça sua, recebem um tratamento tardio e pouco desvelado de seus desumanos Senhores! Na raça branca a doença pronuncia-se em geral sob o caráter de colerina muito benigna. Nos mulatos, mamelucos e nas demais raças cruzadas, ainda a doença é benigna, porém sempre alguma

⁶⁵ Curral de porcos; lugar sujo, imundo ou desorganizado.

gravidade se descortina através dos sintomas patentes, que faz reclamar muita atenção e sérios cuidados da parte dos assistentes (CASTRO, 1983, p. 298).

Está é uma das evidencias mostrando que a relação da cólera com a cor da sua principal vítima, está relacionada pelo poder aquisitivo de cada sociedade, entre os brancos ela atinge bem menos que os índios e negros da província, devido poder contar com uma estrutura de vida mais higienizada e com mais recursos financeiros em caso de se contrair a doença, procuravam clinicas particulares para se reabilitar da moléstia. Já para as pessoas *de cores* descendentes do cruzamento de negros, indígenas e colonos, conforme ressaltar Beltrão (2004), o fator social pesava muito, pois na sua maioria era pobre, e não contava com a mesma estabilidade dos brancos, que estavam mais preparados para se proteger do mal.

Da mesma forma, o Dr. Silva Castro relata que as condições dos negros escravos eram desumanas, pois não contavam com o mínimo de higiene nos seus lugares de trabalho e moradia, viviam na condição de insalubridade total, o que tornava a propagação da bactéria da cólera entre eles mais rápida, que em outras situações de vivência, tanto na capital, como no interior. Portanto, os negros escravizados e a população mais pobre foram alvo fácil perante a fúria da epidemia de Cólera Morbus na Província do Grão-Pará.

Jane Beltrão (2004) destaca dados, através dos quais, tal questão fica muito bem evidenciada:

Quadro 5 - Relação da cor/etnia e sepultamentos no Cemitério da Soledade em Belém

Cor/Etnia	Número de Mortes	
Branca	184	18%
Cabocla	55	18%
Cafuza	108	10%
Índia	9	1%
Mameluca	54	5%
Mulata	153	15%
Parda	30	3%
Preta	301	29%
Tapuia	141	14%
Total	1.035	100%

Fonte: BELTRÃO (2004, p. 264).

Observa-se que os números comprovam a cor que era mais vulnerável a doença, devido ao fator social das gentes *de cores* que sofriam mais que a classe branca, por estarem mais expostas as condições de insalubridade, a falta de higiene, uma das principais responsáveis pela transmissão do bacilo colérico, principalmente, quando não havia água tratada para beber nos

locais onde existia um contingente de negros escravizados elevado. Neste caso bastava a fonte de água dessa gente de cor está contaminada, para todo o resto se infectar com a doença do Cólera e transmitir para outros ambientes.

Em uma sociedade preocupada com sua modernidade racial, o surto de Cólera serviu como forma de higienização da cor negra na cidade de Belém que já buscava embranquecer a cidade como nos moldes da *sociedade francesa*⁶⁶, que era vista como o berço da “modernidade” na Europa do século XIX. Em meio a tanta turbulência da epidemia de cólera, essa possibilidade de existir uma vontade da alta sociedade branca de Belém se ver “longe” do contingente negro da cidade, se concretizou com os números obtidos através dos sepultamentos adquiridos no Cemitério da Soledade de Belém que comprovam que as gentes *de cores* eram as que mais padeciam em meio a Cólera (DAOU, 2000; BELTRÃO, 2004).

Quadro 6 – dados de sepultamentos na capital Belém entre Maio de 1855 a Fevereiro de 1856

Quanto à nacionalidade das vítimas:	
Nacionais	884
Estrangeiros	168
Quanto à raça:	
Branco	190
Índios	204
Pretos	326
Mestiços	332
Quanto ao sexo:	
Do sexo masculino	644
Do sexo feminino	408
Total	1.052

Fonte: VIANNA (1975, p. 169).

Segundo Vianna (1975), os números obtidos no Cemitério da Soledade de Belém, esclarecem de forma precisa, o grande número de mortes por cólera entre as pessoas de “cores não branca”, classificadas como; índios, pretos e mestiços, o principal alvo da doença.

Questões referentes a higienização das “cidades” no século XIX e XX, ficam mais evidente no trabalho de Chalhoub (1996), o qual mostra detalhadamente como o governo imperial do Rio de Janeiro se livrou dos negros da cidade que eram acusados de perigosos para uma sociedade branca e elitizada, destruindo seus cortiços com tamanha brutalidade e violência e expulsando esses moradores para formarem as “primeiras favelas do Rio de Janeiro”. Pois, para as autoridades locais esta era a melhor forma de distinguir a área social limpa da cidade

⁶⁶ Consultar o trabalho de Ana Maria Daou, sobre *A Belle-Époque Amazônica* (2000).

com moradores brancos e a área periférica dominada por negros, acusados de sujarem a cidade com seus costumes, cultura e cor (CHALHOUB, 1996).

A tensão na quadra epidêmica no Grão-Pará de 1855, poderia ter sido uma catástrofe, as autoridades provinciais temiam uma revolta de cunho popular por motivos de falta de atendimento aos desesperados doentes em busca de salvação sobre o flagelo. Portanto o governo não mediu esforços em abastecer a capital como o interior com carnes verdes ⁶⁷ e farinha, para evitar ao máximo a fome de seus semelhantes. Pois, o povo guardava em seu passado uma revolta cabana ainda viva em sua memória, pois quem mais sofria com a doença eram os negros, indígenas e mestiços, diga-se de passagem, os verdadeiros revoltosos da Cabanagem ⁶⁸ (CASTRO, 1983; RAYOL, 1865).

Entretanto, Vianna (1975) ressalta que o Governo Provincial não mediu esforços em contribuir com a sua devida ajuda, abrindo as portas da Santa Casa de Belém, para acudir qualquer doente que por ventura estivesse sozinho em meio ao desespero da doença, e custeou para quem não podia pagar por um sepultamento digno, os serviços funerários por conta do governo imperial (VIANNA, 1975).

Beltrão (2004) mostra dados do Cemitério da Soledade e as condições de sepultamento durante o episódio da Cólera em Belém:

Quadro 7 – Dados dos sepultamentos pagos e gratuitos

Condição	Número de mortos	
Pago	737	70%
Grátis	312	30%
Total	1.049	100%

Fonte: BELTRÃO (2004, p. 260).

A situação financeira na Província do Grão-Pará, não era propensa a uma determinada faixa social, composta de *tapuios, mestiços, negros e indígenas*, que na época da Cólera, não conseguiam custear os valores necessários para lidar com um possível contágio pelo flagelo e poder se manter perante a enfermidade, e principalmente poder comprar um pedaço de terra nos cemitérios para ter um descanso eterno digno (BELTRÃO, 2004).

⁶⁷ É o nome que se dá à carne de animais abatidos na véspera do consume (www.dicio.com.br).

⁶⁸ Cabanagem; pesquisar o trabalho de Rayol (1865) “*Motins políticos ou história dos principais acontecimentos políticos da província do Pará desde o ano de 1821 até 1835*”.

Os valores das covas variavam, e só quem detinha um poder aquisitivo poderia escolher em qual lugar desejaria ser sepultado. Conforme se observa nos dados apresentados por Beltrão (2004):

Quadro 8 - valor das esmolas⁶⁹ para sepultamentos no Cemitério da Soledade em Belém

Tipos de sepultura	Valores
Nas valas (em tempo de epidemia)	2\$000 réis
Rasa ou temporária	4\$000 réis
Temporária em carneiro ou pedra e cal	40\$000 réis
Perpétua ou mausoléu	3\$000 réis
Para membros de corporações e associações religiosas	5\$000 réis

Fonte: BELTRÃO (2004, p. 259).

Para se ter uma noção do valor de uma sepultura mais barata em tempo de Cólera, um enfermeiro recrutado pela Comissão Higiene Pública recebia 10\$000 réis mensais, um enterro na vala comum, equivaleria 20% de sua remuneração, ou seja, para ter um enterro digno, somente uma determinada parte da população conseguiria custear esse valor (BELTRÃO, 2004).

O valor das sepulturas tanto no Grão-Pará como no Rio de Janeiro eram cobrados os mesmos valores. Para as sepulturas mais simples, como aponta Kodama (2011), ficavam isentos de pagamentos os senhores proprietários de pequenas quantidades de escravos que conseguiam obter um atestado de pobreza ou para aqueles indivíduos livres que prestavam serviços para algum órgão público na cidade. Não diferente da Belém do Grão-Pará que serviu 30% dos sepultamentos grátis no Cemitério da Soledade para aqueles que mais necessitavam (BELTRÃO, 2004; KODAMA, 2011).

Na cidade de Cametá os dados dos sepultamentos na época da epidemia de Cólera Morbus de 1855 ficaram limitados, pois os órgãos responsáveis só possuem as informações já citadas acima, no que se refere a questão de números de vítimas de Cametá. Nos dias atuais os acervos da cidade cametaense tem pouco documentos preservados a respeito do mal da cólera, como é por exemplo, o quadro “Cólera Morbus”, que se encontra no Museu Municipal Raimundo Penafort de Sena e alguns monumentos mortuários, como o túmulo da Jovem Julia e o mausoléu⁷⁰ de Angelo Corrêa, localizado na entrada do Cemitério Municipal de Cametá.

⁶⁹ Dádiva caridosa feita aos pobres.

⁷⁰ Monumento mortuário.

No referido túmulo (**Imagens 2 e 3**) é possível observar vários aspectos da vida social dos cametaense durante quadra colérica de 1855 em Cametá:

Imagem 2 – Representação do mausoléu de Angelo Corrêa na sua parte lateral esquerda



Fonte: Arquivo pessoal de pesquisa Vicente Medeiros, 2017.

Imagem 3 – Representação do mausoléu de Angelo Corrêa na sua parte lateral direita



Fonte: Arquivo pessoal de pesquisa Vicente Medeiros, 2017.

Esse mausoléu representa uma cena que revela detalhes do cotidiano de Cametá em tempos terríveis, com a figura principal do Dr. Angelo Custodio Corrêa e possivelmente seu amigo e médico o Dr. Ferreira Cantão. Na imagem é notável as diferenças sociais entre mulher, criança, escravos, pessoas enfermas e as autoridades da província. As cenas em detalhes têm como objetivo lustrar a figura de Angelo Corrêa, como uma esperança de vida em Cametá, acudindo junto ao médico quem mais precisava de socorros. A divisão social fica nítido, quando se observa pessoas comuns, descalços e as duas autoridades bem. Não se encontro registro do autor dessa obra, por isso se torna difícil afirmar se a ideia do autor era distinguir as classes representadas na cena, entre um povo inferior financeiramente e a figura de uma classe mais bem-sucedida.

Na concepção de Le Goff (2003), qualquer monumento tem por especificidade evocar um sinal do passado, perpetuar ou recordar algum fato histórico, a exemplo, um monumento funerário é destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada após a morte (LE GOFF, 2003).

Partindo das análise de Le Goff, no caso do mausoléu de Angelo Corrêa, a intensão do autor pode ser de forma voluntária ou involuntária uma forma de perpetuar a figura política de Angelo Corrêa, ou de revelar para as futuras gerações quem ele foi. Na ausência de informações a respeito do autor da obra, fica para análise de cada pesquisador atribuir importância da obra: se é uma forma positivista de ilustrar a imagem de Angelo Corrêa, como político e presidente da Província do Grão-Pará, ou se é apenas para recordar o episódio do Cólera Morbus na Cidade de Cametá.

3.2. MEMÓRIAS E O MITO DA “JOVEM JULIA” NA CAMETÁ DE 1855.

Em pesquisa de campo realizada em Cametá, em outubro de 2017, a respeito de histórias, memórias e oralidades do “*Mito da Jovem Julia*”. Segundo a tradição oral cametaense, este imaginário atribuído a uma jovem denominada de Julia, que teria se tornado santa, após sua aclamação a Deus e dias interruptos de Jejum para que cessassem a mortandade por cólera em Cametá. A crença popular desta cidade, conforme se observou nas narrativas orais coletadas no decorrer da pesquisa, menciona que a Jovem Julia foi a “última” pessoa a falecer de Cólera Morbus em Cametá no século XIX, devido a esse fato, acrescido ao episódio de que, algum tempo depois, ao escavarem seu tumulo encontraram seu corpo intacto, exalando intenso perfume das rosas, com as quais fora enterrada, culminou com a sua aclamação a “Santa” pela população local, e desta maneira a sua história se transformou em uma espécie de mito, que povoa o imaginário popular na cidade de Cametá.

Contudo, poucas pessoas se puseram a relatar um pouco de suas lembranças em relação ao Cólera na cidade de Cametá, das pessoas mais idosos que tive a oportunidade de conversar e entender melhor sobre a história, verifiquei que suas memórias se misturavam com os episódios da cólera de 1855 e do surto de cólera de 1991.

Neste sentido, ao se tratar de fontes orais, conforme afirma THOMPSON (1992):

Para ser um entrevistador bem-sucedido, é necessário um novo conjunto de habilidades, entre as quais uma certa compreensão das relações humanas. Alguns adquirem quase imediatamente essas habilidades, outros precisam aprende-las; mas em contraposição ao processo cumulativo de conhecer e reunir as informações que tanta vantagem oferece, na análise do documental e na interpretação, ao historiador profissional experiente, é possível aprender bem rapidamente a tornasse um bom entrevistador eficiente. Assim, os historiadores em trabalho de campo, ainda que mantenham, sob muitos aspectos importantes, as vantagens do conhecimento profissional, veem-se também longe de sua mesa de trabalho, compartilhando de experiências em nível humano (TOMPSON, 1988, p. 29).

Portanto, os esclarecimentos obtidos na pesquisa de campo sobre a oralidade não vêm justificar se as crenças populares são reais ou se são apenas invenções de seus imaginários, como ocorreu no caso de Cametá com os contos a respeito da Jovem Julia. Neste sentido, conforme afirma Thompson (1992), um dos fundamentos para se construir uma narrativa oral do eventual episódio “*é saber que a história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história*” (THOMPSON, 1992, p. 23).

Segundo as análises feitas sobre o trabalho de Castro (1983) e Vianna (1975), ao citarem a cidade de Cametá na quadra epidêmica de Cólera Morbus, nos faz perceber um pouco da dimensão de seu cotidiano e o medo em relação a Cólera. Entretanto, compreendo que eram tempos difíceis na Cidade de Cametá, as lembranças da revolta da Cabanagem em 1835 e do ataque da febre amarela de 1850 que castigaram a província e a cidade de Cametá, ainda estava presente na memória do povo cametaense. Com a chegada do mal da Cólera em Cametá, muitas indagações foram formuladas a respeito do advento da cólera e do porque a cidade perder tantas vítimas para a doença. Uma dessas possibilidades, foi atribuída pela igreja católica que acusava os males devido o povo se acomodar dos seus deveres religiosos, e só procurar a igreja em tempos difíceis, largando-se nas bebidas espirituosas e nos atos proibidos como as festas profanas fato ocorrido na época da febre amarela. No entanto o surto da Cólera foi um castigo divino segundo a igreja aos pecadores que haviam deixado de frequentar as missas e os preceitos religiosos (CASTRO, 1983; VIANNA, 1975).

E assim, como o tema deste estudo é voltado para a Cólera Morbus do século XIX, procurei centrar nas histórias acerca deste período, ao qual tive o prazer de ouvir os relatos das memórias dos antepassados da dona Anadia Farias Marques, da professora Olímpia Barreiros Serrão e do poeta, compositor e escritor Alberto Moia Mocbel. Todos se colocaram à disposição para relatarem o que suas memórias guardam de seus antepassados sobre o período mais tenebroso da Cólera em Cametá.

Em entrevista dona Anadia Marques relata as recordações que conserva do seu avô José Félix Ribeiro, que faleceu com 114 anos de idade, e que teria vivenciado o período da Cólera Morbus ocorrida em Cametá no ano de 1855.

Bem, a cólera era o seguinte; era uma doença terrível que era uma diarreia, então essa diarreia era tão forte que tinha quatro ou cinco na casa, quando dava num, dava nos restantes. Então quando traziam um morto para Cemitério da Lampadosa, quando voltavam já havia outro morto! E quando chegava depois de levar esse morto, já tinha em outras casas, dois ou três tudo morto pela doença. Por que a cólera é o seguinte, ela não dura nem 4 horas de vida, era uma coisa muito forte, era horrível, para vocês terem uma ideia a cólera era diarreia, vômito e muita dor, quando se colocava uma pessoa doente na rede, quando se tirava o doente, as fezes iam saindo tudo, porque não se aguentava. Então já não tinha mais caixão, o meu avô e minha mãe contavam que já não tinha mais caixão para enterrar ninguém, enterravam na rede, preparavam aquelas macas de palha de miriti para trazer o defunto para enterrar. Então eles saíam aí na frente da *Casa de Sol*, que era um caminho da beira do rio até o Cemitério da Lampadosa, onde foi enterrado muita gente de Cólera neste cemitério (Anadia Marques, entrevista realizada em outubro de 2018).

A respeito do Cemitério da Lampadosa, dona Anadia Marques narra a partir de suas lembranças que:

Desde quando me criei, já estava com 4 anos de idade, o meu pai morreu bem na frente do cemitério e já não tinha mais nada. Do que eu saiba, ainda tem túmulo da família da comadre Olímpia que está até caindo um pedaço, é o único túmulo que tem por lá, que é dos tataravôs da Olímpia, acredito que tenha mais de 200 anos lá nesse Cemitério da Lampadosa, tem gente do Pacajá⁷¹, Guajará⁷², Itaúna⁷³, de todas essas ilhas que pertenciam para cá, estavam enterrado aí (Anadia Marques, entrevista realizada em outubro de 2018).

Imagem 4 – Cemitério da Lampadosa na cidade de Cametá



Fonte: Arquivo pessoal de pesquisa Vicente Medeiros, 2018.

Nas narrativas da dona Anadia Marques, o Cemitério da Lampadosa, já estava desativado a muito tempo, possivelmente foi interditado em tempos de Cólera, o que leva a crer que foi pelo motivo do medo do contágio que reinava na quadra epidêmica, por que pelos relatos da Anadia Marques, o fluxo de vítimas de cólera era intenso, mais precisamente serviu de última moradia para pessoas que moravam nas proximidades, como Pacajá, Guajará, Cametá-tapera, ilhas próximas e para os índios Carissóis⁷⁴ e Carijós. Hoje se encontra abandonado e em ruínas, sem o apoio do governo municipal.

⁷¹ Localidade da zona rural da cidade de Cametá.

⁷² Localidade da zona rural da cidade de Cametá.

⁷³ Ilha localizada em frente a cidade de Cametá.

⁷⁴ Povo indígena que vivia na localidade de Pacajá, na zona rural de Cametá.

A professora Olímpia Barreiros, uma moradora do bairro da Aldeia em Cametá, também faz referências a respeito da epidemia de Cólera Morbus e do Cemitério da Lampadosa:

“Neste cemitério aqui próximo, foi fechado por causa da Cólera, pois morria e morreu muita gente da doença, inclusive tenho meus bisavós, avós e tios que foram sepultados nesse Cemitério da Lampadosa, todos da família de minha mãe e também o pai de meu pai” (Olímpia Barreiros, entrevista realizada em outubro de 2018).

Observa-se, portanto, que existem várias evidências que comprovam que a história e memória acerca do Cólera Morbus são vastas na cidade de Cametá, e que aos poucos vai se revelando através das lembranças que algumas pessoas trazem de seus antepassados narrando o que foi este período de tensão vivido em Cametá. E assim, as lacunas a respeito do episódio da cólera em Cametá vão se preenchendo, uma vez que na maioria dos documentos escritos, esta cidade é citada apenas a partir da morte do Vice-Presidente da Província, Angelo Corrêa. E com a pesquisa de campo que originou este estudo, se vislumbrou figuras, nomes, dos que ficaram à *margem da história*, como por exemplo, negros e indígenas, que agora vão ganhando espaços nas historiografias através da narrativa de popular, como de dona Anadia Marques e da professora Olímpia Barreiros.

Segundo Alberto Mocbel ao lembrar as memórias de seus antepassados sobre o conto do imaginário cametaense a respeito da Jovem Julia, ele diz:

Surge então a Jovem Julia, segundo o imaginário cametaense, era uma jovem moça que se dedicava aos afazeres da casa, ajudando sua família e sempre visitava a igreja católica, num certo dia em meio a tanto sofrimento, vendo sua família, seus amigos e vizinhos sendo acometidos pela Cólera Morbus, decidiu fazer uma promessa ao seu santo de devoção, que ficaria de jejum até que a epidemia cessasse a sua fúria na cidade, com isso só se alimentaria de vegetais, pão e água. E que se fosse preciso morrer para acabar com a epidemia, ela queria ser a última vítima da Cólera.

Passados os dias a Jovem Julia veio a falecer devido o ataque da moléstia, e seu corpo foi sepultado nas proximidades do corpo santo do cemitério da Nossa Senhora da Soledade em Cametá, local conhecido na época como “valão”, onde muitos dos mortos de cólera eram deixados à mercê ou enterrados no lugar lá por serem pobres e não possuí recursos em dinheiro para um sepultamento digno. Passados dois anos após o fim da epidemia de Cólera e da morte da humilde Jovem Julia, seus parentes decidiram dar a última morada para a “Jovem”, levando seus restos mortais até o Cemitério Municipal da Nossa Senhora da Soledade de Cametá para dar um descanso eterno merecido, e no momento que começaram a cavar para a retirada de seus restos mortais, foi um espanto! Pois se depararam com seu corpo intacto, sem nenhuma ação do tempo, ou qualquer tipo de decomposição, o que era praticamente impossível de acontecer.

Daí em diante o imaginário cametaense conta que seu corpo foi levado para o Vaticano e canonizada como uma santa, ao qual na cidade de Cametá se atribuiu chama-la de **Jovem Julia**, para muitos o fato realmente aconteceu,

não existe registros documentados a respeito dessa história, mais a força da oralidade desse mito, o torna mais que real, pois ficará para sempre marcado na história da Cidade de Cametá e do eventual episódio da voracidade do Cólera Morbus nessa terra (Alberto Moia Mocbel. Entrevista realizada em outubro de 2017).

Observando a fala de Alberto Mocbel, sobre a personagem da Jovem Julia, nos faz perceber o quanto a jovem era apegada aos preceitos da religião católica, que era normal no século XIX, devido a força da igreja junto as políticas do Império. Percebemos essas características religiosas na atualidade em Cametá, e observamos o quanto a cidade é vinculada historicamente ao simbolismo religioso, no que se diz respeito a devoção do povo aos seus santos católicos como São João Batista, São Benedito, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e outros mais, e se torna difícil imaginar como era a força da igreja católica no século XIX. Pois, até em um período de grandes epidemias a igreja controlava a situação, atribuindo os males ao pecado do povo, principalmente, os pobres e negros analfabetos que, muitas vezes aceitavam as normas da igreja de forma passiva, pois não podiam contestar a palavra e a força da igreja.

Com isso o episódio da Jovem Julia, ganha força através do imaginário cametaense, por ela ser a pessoa que iria libertar o povo de Cametá da maldição do Cólera, e assim a força da igreja ajudou para essa história se eternizasse no imaginário cametaense.

É importante ressaltar, conforme afirma Vianna, que o poder da igreja no século XIX sobre seus fiéis devotos era notável. Assim, em 09 de junho de 1855 foi publicado no *Treze de Maio* uma pastoral para seu povo, que pedia para seus devotos que seguissem as palavras do bispo D. José Affonso de Moraes Torres, que recomendava para cessar o mal da epidemia de Cólera, alguns sacrifícios deveriam ser feitos, como: rezar o terço de Nossa Senhora de Nazaré e outras orações para receber a bênção do Santíssimo Sacramento. Para os pecadores se redimirem do pecado, foram distribuídos pela igreja pequenos crucifixos de metal de santos e bentinhas, próprios para serem trazidos ao pescoço, todos confiantes na fé, penitenciando-se das suas culpas, expurgando a alma de maus sentimentos e dos atos proibidos que haviam cometidos, só assim poderiam acalmar a ira dos deuses e dá fim as mortes cometidas pela Cólera (VIANNA, 1975).

Perante a influência da igreja católica em Belém, foi dirigido um escrito ao presidente da comissão de higiene pública o Dr. Francisco da Silva Castro que permitisse as licenças para as procissões do povo, principalmente aquelas que consagra a imagem da virgem de Nazaré, senhora de Belém e do glorioso São Sebastião, no horário da manhã das 6 às 9 horas, e nunca mais tarde que isso. Daí, então vieram as procissões arrastando em massa o povo e conseqüentemente a propagação do mal, transmitindo o bacilo a quem não tinha, então para a

Comissão de Higiene Pública não restou outra opção a não ser proibir os atos público de manifestações religiosas durante a quadra epidêmica (VIANNA, 1975).

Motivo pelo qual além serem proibidas as manifestações religiosas públicas durante a epidemia de Cólera Morbus, foi também decidido pelos órgãos responsáveis pelas medidas de prevenção e controle das epidemias endêmicas, a proibição dos sepultamentos dentro do corpo santo das igrejas católicas de toda Província (SANTOS, 1994).

Segundo Santos (2014), na Província da Bahia em 1850, o cametaense D. Romualdo Antônio de Seixas⁷⁵, já se posicionava sobre o tema dos sepultamentos e publicou uma portaria pelas páginas do *Noticiador Católico*⁷⁶, proibindo os enterramentos nas igrejas e ordenando que se fizessem no cemitério da Santa Casa de Misericórdia:

“Prescindindo de quaisquer observações ou inconveniência dos enterramentos nas igrejas, ainda no curso ordinário da mortalidade, é inegável que na quadra lastimosa em que nos achamos, feridos de uma epidemia assoladora, basta um simples bom senso para reconhecer que a acumulação dos cadáveres nos templos, a dificuldade de lhes dar pronta sepultura e o pouco cuidado que costuma haver na abertura das covas sem a necessária profundidade não podem deixar de concorrer muito para aumentar a infecção do ar pestilento, e consequentemente, o veneno que eles nos inspira no meio de uma capital, que pelo grande número e contiguidade de seus templos, torna este perigo ainda mais grave e digno de séria atenção” (SANTOS, 2014, p. 222).

Verifica-se, desta forma, que as proibições de sepultamentos nas igrejas era uma forma de controlar a propagação de miasmas causadores das doenças conhecidas até a era bacteriana do final do século XIX, toda doença era causada de miasmas dos corpos em decomposição segundo a ciência do século XVIII. Esse pode ter sido apenas um dos motivos da proibição dos enterros, pois outros motivos observados estão relacionados aos fatores financeiros e míticos, uma vez que só grandes autoridades eclesiásticas e representantes da alta sociedade tinham poder de aquisitivo para ser sepultado nas igrejas, e assim tivessem seus corpos e espíritos perto do sagrado corpo santo das igrejas (SANTOS, 2014).

Segundo Reis (1991), na Bahia em 25 de outubro de 1836 ocorreu uma revolta popular chamada de “*Cemiterada*”⁷⁷, onde uma multidão destruiu o cemitério da cidade de Salvador, três dias depois de sua inauguração. O motivo desse eventual caso, se justifica pela divergência entre igreja, Império e o preconceito racial existente na Bahia do começo do século XIX.

⁷⁵ D. Romualdo Antônio de Seixas (1787-1860) nascido em Cameté, foi arcebispo da Bahia (SANTOS, 2014).

⁷⁶ NOTICIADOR CATÓLICO, nº 75, 1850. Sem data e mês, p. 253 (SANTOS, 2014).

⁷⁷ Para saber mais pesquise a obra de João José Reis, *a morte é uma festa* (1991).

Contudo, com a pesquisa deste trabalho pretende mostrar porque ocorria o sepultado dentro das igrejas. Segundo as tradições europeias, principalmente, as que eram de matrizes portuguesas, esses sepultamentos eram promovidos como parte de uma tradição cultural de equilíbrio entre a morte e o local santo, como descanso eterno. Porém, se observa que esses rituais fúnebres não eram cabíveis para todos, mas sim, para membros da igreja ou para figuras importantes perante a sociedade da época.

O fim dos sepultamentos nas igrejas, marcam o fim de um ritual europeu que era exercido no Brasil até meados do século XIX. O que se observou depois dessa proibição foi uma divergência política entre igreja e Império, pois os funerais eram uma forma de arrecadação de economias para a igreja, como ressalta J.J. Reis:

A persistência dos antigos costumes em face à difusão de uma atitude mais individualizante e privativa no tratamento dos mortos reflete um conflito latente gerado pela tendência de laicização da sociedade. O abandono das esquifes⁷⁸ coletivas, a diminuição nos pedidos de missas, as inscrições nas lápides, a substituição de cortejos coletivos à pé pelo uso de carros funerários marcam uma transformação na maneira de conceber a morte para um estilo menos coletivo e festivo (REIS, 1991, p. 175).

Para Reis, esta foi uma ruptura bastante violenta nas economias da igreja do século XIX com essa proibição, pois se dependia muito dos rituais fúnebres para sustentar os gastos e pagar quem estava envolvido neles. Pois, *“a renda das cerimônias fúnebres representava o grosso do sustento das irmandades, o agenciamento de padres, armadores, cirieiros e músicos fazia parte dos serviços oferecidos tradicionalmente por estas instituições”* (REIS, 1991, p. 175).

Desta forma, J.J. Reis revela alguns detalhes do cotidiano da população brasileira do século XIX, de como os cortejos eram, celebrados, não como uma cerimônia triste, mais sim como um grande evento de despedida de entes queridos, para isso se contava como estrutura bem complexa nos velórios. *“Os funerais pomposos eram uma fonte de renda não só às irmandades, como também aos miseráveis da cidade. A participação das mulheres - rezadeiras e carpideiras⁷⁹ – por exemplo, fazia parte de um costume português tradicional”* (REIS, 1991, p. 176).

Não tivemos conhecimento durante a pesquisa se na cidade de Cameté foram enterrados corpos nas proximidades das igrejas, já que não obtivemos no transcorrer da pesquisa essas informações, uma vez que algumas pessoas que detêm acesso aos documentos que poderiam

⁷⁸ Caixão de defunto.

⁷⁹ Mulher mercenária que prateava os mortos durante os funerais; mulher que se lamenta e que chora com frequência (www.dicio.com.br).

nos fornecer algum tipo de resposta, optaram em não autorizar nosso acesso as documentações do acervo da paróquia de São João Batista de Cametá. Contudo, temos conhecimento do quanto que era difícil fazer esse tipo de registro, quantas pessoas morriam nesta cidade no período da epidemia sem serem registradas ou contabilizadas, por exemplo, não se encontrou dados oficiais do Cemitério da Soledade de Cametá, visto que poucos eram os que tinham a coragem de sair na rua com o corpo do seu familiar em direção ao cemitério, já que haviam alguns entraves, como o preço de um enterro, o temor em entrar no lugar onde o horror predominava.

E a cidade cametaense já era conhecida historicamente por contar com um péssimo estado sanitário desde o início de sua formação.

Em relação ao precário estado de saneamento básico em Cametá Pinto (2003) afirma que:

O precário estágio sanitário de todo esse município, que até aos dias de hoje, pouco mudou, faz com que a população cametaense ainda guarde na memória tristes lembranças de duas grandes epidemias: a da varíola ainda na antiga Cametá; e a da Cólera-Morbus, em 1855, que dizimaram, nos seus respectivos períodos, mais da metade da sua população. Segundo o museólogo e historiador Raimundo Penafort de Sena, por ocasião do Cólera, morreu muita gente, as pessoas contraíam a doença socorrendo umas às outras, onde estivessem, morriam nas ruas, principalmente, os escravos e aqueles que eram mais pobres, alijados da sociedade, que viviam em estado de miséria total, a ponto de os corpos serem transportados para o cemitério em carroças de boi e, alguns eram levados ainda agonizando (PINTO, 2003).

Castro (1983) se refere ao grande trabalho do delegado e subdelegado da cidade de Cametá em fazer com que os corpos dos enfermos chegassem até o cemitério municipal da soledade, o que não acontecia com todos os cadáveres devido ao medo do contágio da doença, a quem restou o trabalho insalubre nas condições terríveis foram para os escravos, que a mando das autoridades municipais eram forçados a levar os corpos para serem sepultados em pequenas carroças até o cemitério, porém muitas das vezes o corpo ficava a mercê do trajeto até o cemitério, ficava na maioria das vezes próximo ao chamado *valão*, local que se encontra nas proximidades do corpo santo da cidade (CASTRO, 1983).

Na cidade de Cametá nos dias atuais ainda é possível encontrar alguns locais que remete a memória do episódio da Cólera Morbus ocorrido no século XIX, no qual ainda existe o local onde foi encontrado os restos mortais da Jovem Julia. Apesar de não possuir informações mais detalhadas, ainda hoje está presente no cotidiano do imaginário cametaense como Cemitério da Jovem Julia.

Imagem 5 – Local onde se encontra o Cemitério em Homenagem a Jovem Julia



Fonte: Arquivo pessoal de pesquisa Vicente Medeiros, 2017.

O túmulo da Jovem Julia está localizado na rua Dom Romualdo de Seixas, no bairro da Marambaia, em Cametá, fica a poucos metros do Cemitério Municipal da Soledade. Este túmulo ou Cemitério guarda parte da história e do imaginário cametaense. A Imagem 4 trata-se de uma fotografia do cemitério em homenagem a Jovem Julia feita no dia de finados de 2017 em Cametá, com o intuito de observar se ainda exista alguma linhagem de parentesco desta Jovem Julia em Cametá. Entretanto, não foi possível conversar com nenhuma pessoa nesse dia, mas em o túmulo é sempre visitado e lembrado por pessoas que acreditam nessa história, as quais deixam flores e acendendo velas, além dos pedidos de graças a essa jovem, cuja memória está eternizada na cidade de Cametá.

Em fevereiro de 1856, foi constatado em Belém do Grão-Pará através de documentos de sepultamentos extraído do Cemitério da Soledade da capital, o último caso de morte causado pela epidemia do Cólera Morbus (VIANNA, 1975).

Em Cametá não foi possível identificar através de fontes documentais se a Jovem Julia, foi realmente a última pessoa a perder a vida para a epidemia como ela jurou antes de morrer, o que sabemos é que ela conseguiu ser lembrada muitos anos depois de sua morte, pela sua história de vida humilde e encantadora. Portanto, não cabe ao historiador afirmar se este caso ocorreu mesmo ou se são contos populares que estão impregnados nas memórias de alguns habitantes de Cametá, mas é certo que se trata de um tema que poderá render no futuro, novas

pesquisas mais detalhadas. Contudo, desafia a cada leitor desse trabalho poder mergulhar nas histórias e memórias de um conto importante para a cidade, que praticamente poucas pessoas que vivem na cidade atualmente tem conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de conclusão de curso o propósito foi mostrar a comunidade cametaense um pouco do que foi o terrível episódio de Cólera Morbus ocorrido na Província do Grão-Pará entre maio de 1855 e fevereiro de 1856. E sucessivamente dá uma ênfase maior a história de Cametá em meio a tanta destruição ocasionada pela epidemia. Pois, no cenário atual, poucos sabem dessa história ocorrida no século XIX, principalmente a nova geração de alunos tanto do ensino fundamental, médio e superior. E com isso a intenção foi mostrar como a cidade conseguiu lidar com a doença, quais os meios terapêuticos foram utilizados para cessar o mal, assim como visa compreender a vinda do Dr. Angelo Custodio Corrêa a cidade e qual seu real propósito com sua vinda e o motivo da qual veio a falecer após o regresso até a capital da província.

Portanto, objetivando compreender como se deu os aspectos sociais do surto da cólera em Cametá, visando investigar quais os setores que mais sofreram com mortes desse flagelo. Assim como, analisar as memórias sobre o referido episódio, buscando identificar os elementos presentes no imaginário local, que trazem aspectos religiosos como a “maldição” de certos segmentos sociais, negros e pobres, autores que já escreveram sobre a Cólera no Pará como Jane Felipe Beltrão (2004), Arthur Vianna (1975) e Silva Castro (1983) foram de extrema importância, pois o estudo destes autores me possibilitaram analisar, criticar e desvendar fatos, que passariam despercebidos.

No caso das lacunas historiográficas a respeito do aparecimento da Cólera na cidade de Cametá, os autores que já escreveram sobre a epidemia na Província, acrescentando outras fontes e referências foram sem dúvida de extrema importância para registrar como ocorreu o episódio da Cólera Morbus na cidade cametaense.

Procurei identificar os motivos que levaram a moléstia se alastrar com tamanha força na cidade de Cametá, assim como ressaltar o medo vivido pela comunidade cametaense no período do auge da cólera, que não poupava classe social, idade, sexo, cor e aspectos financeiros, acometendo quaisquer pessoas que estivesse ao seu alcance. No entanto, como aponta Beltrão (2004), as principais vítimas do flagelo foram os negros, escravos, libertos, indígenas, mestiços e pobres, ou seja, as gentes *de cores* que viviam espalhados por toda Província do Grão-Pará.

A partir da pesquisa bibliográfica verificamos que a chegada da epidemia ocorreu em 1855, assim como as controvérsias encontradas a respeito deste episódio nos respectivos

estudos. Como por exemplo, se a causa da doença na província foi ou não importada pelo navio *Defensor* de Portugal. Assim se verificou como se deu os primeiros casos de vítimas da doença em Belém, as características da epidemia.

Assim como, os acontecimentos ocorridos, os meios de cura do flagelo, que se tornaram divergentes em vários aspectos, tanto no campo científico entre doutores que atuaram no combate da epidemia, quanto no embate entre médicos alopatas e profissionais homeopatas, que disputaram perante os periódicos de Belém, quais os meios de cura mais seguro da doença seria mais aconselhável para a população de toda a Província.

Nessas divergências de tratamento da doença surgiu por via de regra uma “nova” forma de curar, que se tornou mais aceita pelo povo, do que a forma atribuída pela classe de médicos alopatas, que foi pelo povo através dos *saberes populares*. Estes em muitos casos, ocorriam por falta de médicos, clínicos ou cirurgiões, pois, era a única forma de acudir os doentes que necessitavam dos socorros para sobreviver. Com isso no interior da província, se tornou comum a prática de cura do povo através dos saberes tradicionais de ervas, plantas e frutos, acudindo de forma mais aceita que os doutores alopatas praticantes da medicina oficial que se utilizavam na maioria das vezes da sangria geral como máximo remédio no combate da Cólera.

Nestas condições, a partir de fontes bibliográficas, relatos orais e monumentos mortuários foi possível apresentar os resultados de pesquisa adquiridos neste trabalho. Contudo, fica a certeza que este tema é vasto e pode render outras pesquisas, narrando o que foi a passagem desta terrível epidemia em terras de todo o Pará e do Brasil, cujos números de vítimas durante os dois anos que está moléstia atacou o Pará, submetendo, conforme dados registrados, mais de 3.834 vidas (VIANNA, 1975).

Portanto, como mostra Vianna (1975), a mortalidade calculada pela epidemia de Cólera Morbus na capital chegou a 1.052 vítimas e 2.702 pelo resto do interior, totalizando 3.834 mortes por toda a Província. Contudo, esse número pode ser contestado, pois entre os autores que discutem ou discutiram sobre a temática, não há consenso em relação ao número de mortes. Em se tratando da cidade de Cametá, o número de vítimas é muito maior que os 1.336 computados por autoridades do Governo Provincial, calcula-se que mais de 2.000 pessoas morreram espalhadas entre área urbana, rural e das ilhas, pois a cidade só recebeu ajuda no meio do mês de junho, quando a epidemia já havia acometido muitas vítimas.

FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA

1. FONTES ORAIS:

Entrevista realizada 20/30/2017 com o escritor cametaense Alberto Moia Mocbel.

Entrevista realizada 30/10/2018 com a dona Anadia Farias Marques de 86 anos.

Entrevista realizada 31/10/2018 com a professora Olímpia Barreiros Serrão de 85 anos.

2. FONTES IMAGÉTICAS E MONUMENTOS MORTUÁRIOS:

Imagem 1 – Tela de Constantino Motta “ O Cólera Morbus 1858”.

Imagem 2, 3 – Mausoléu em homenagem ao Dr. Angelo Custodio Corrêa 1868.

Imagem 4 – Cemitério da Lampadosa.

Imagem 5 - Cemitério em homenagem a “Jovem Julia”.

3. FONTE DOCUMENTAL:

Ata da Junta de Qualificação de Cametá (1854 a 1861).

Título de elevação da Vila Viçosa de Santa Cruz de Camutá para Cidade de Cametá 1849.

Livros de batismo da Diocese de Cametá de (1852 a 1861).

4. JORNAIS E MANUSCRITOS:

Jornal Treze de Maio, Belém 1855 a 1856.

Jornal Diário do Comércio, Belém 1855.

Jornal Diário do Rio de Janeiro 1855.

Noticiador Católico, de Salvador 1850.

Apontamentos enviados de Belém do Grão-Pará para o Rio de Janeiro entre (1855 a 1856).

5. FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

BELTRÃO, Jane Felipe. **Cólera, o flagelo da Belém do Grão-Pará**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Universidade Federal do Pará, 2004.

CASTRO, F. S. Apontamentos para a História do *Cholera-morbus* no Pará em 1855. In: _____. *Família Castro*. Belém: Falângola, 1983.

VIANNA, Arthur. O *Cólera-Mórbus*. In: **As epidemias no Pará**. Belém: Editora da UFPA, 1975 [1906].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Jane Felipe. Autoridade Médica e Divulgação Científica no Grão-Pará Flagelado pelo Cólera: Século XIX: Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 239-252, junho de 2002.

BELTRÃO, Jane Felipe. Belém de outrora, em tempo de Cólera, sob olhares impertinentes e indisciplinados. In: ANAIS do Arquivo Público do Pará. Belém: Secult, 1997.

BELTRÃO, Jane Felipe. Memórias da cólera no Pará (1855 e 1991): tragédias se repetem? *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, suplemento, p. 145-167, dez. 2007.

BELTRÃO, Jane Felipe. Cólera e Gentes de Cores ou o acesso aos Socorros Públicos no século XIX. *PHYSIS. Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 2004.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAOU, Ana Maria. A Belle Époque amazônica / ANA Maria Daou. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FARIAS, Edison. Tramas e dramas sobre a tela de Constantino da Motta. *19&20*, Rio de Janeiro, v. II, n. 2, abr. 2007.

FILHO, Augusto Meira. **Contribuição à História da Pintura na Província do Grão-Pará no Segundo Reinado (Esboço de um artista esquecido)**. Belém: Separata da Revista Cultural do Pará (s.d).

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KODAMA, Kaori. Geografia da cólera: **a corte e seus arredores durante a epidemia de 1855**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História –ANPUH, São Paulo. 2011.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: __. História e memória 5º ed. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 2003.

MAUÉS, Renata de Fátima da Costa. O desvelar da obra de Constantino Pedro Chaves da Motta. *19&20*, Rio de Janeiro, v. VI, n. 2, abr./jun. 2011.

NERI, Pâmela Paula Souza, A presença indígena em Cametá por três momentos históricos: o coronelismo, o surto do cólera e a urbanização na tríade ética, estética e política IN: **Memória-esquecimento da história e cultura indígena em Cametá: uma arqueogenealogia dos fios narrativos na trilha indígena da Aldeia e Torrão-Mupi** - Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura - PPGEDUC/UFPA-Cametá, 2016 (Dissertação de Mestrado).

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Pincelagens do Palco In: Parteiras, “Experientes” e Poções: o dom que se apura pelo encanto da floresta (Relatório preparatório ao Exame de Qualificação do Doutorado). PUC, São Paulo, 2003, pp. 24-28.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes Acróstico “Esse sonho não é mais meu, estou deixando para vocês, 2002.

RAYOL, Domingos Antônio. *Motins políticos ou história dos principais acontecimentos políticos da província do Pará desde o ano de 1821 até 1835*. Rio de Janeiro, Typographia do Imperial Instituto, 1865.

REIS, João. José. **A Morte é uma festa**: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

SANTOS, Israel Silva dos. D. Romualdo Antônio de Seixas e a reforma da Igreja Católica na Bahia (1828-1860). Salvador, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 2014.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro. “**Um século de cólera: itinerário do medo**”. *Physis. Revista de Saúde Coletiva*, vol.4, no.1, pp.79-110, 1994.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. (Trad. Lólio Lourenço de oliveira) 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.